

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (DCSo)
CURSO CIÊNCIAS SOCIAIS

SOFIA SCANAVINI DANIEL

**OS AWAETÉ E OS TORIA: ASSOCIATIVISMO E
RELAÇÕES INTERÉTNICAS NA TI APYTEREWA**

São Carlos - SP

2026

SOFIA SCANAVINI DANIEL

**OS AWAETÉ E OS TORIA: ASSOCIATIVISMO E RELAÇÕES INTERÉTNICAS NA
TI APYTEREWA**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Joelson Gonçalves de Carvalho

São Carlos-SP
2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, Fernanda e Mussa, e à felicidade e orgulho que sempre demonstraram sobre minha trajetória na Antropologia. Também à Tatá, e nossa relação tão difícil de colocar em palavras, que me fez ser quem sou.

Agradeço ao professor Joelson, que mudou minha visão sobre a pesquisa acadêmica e ofereceu apoio em todos os processos dessa monografia.

Aos meus amigos, Ana e Gab, que me fazem grata por ter permanecido tempo suficiente na graduação para criar esses vínculos tão especiais. Ao Gajo e ao Pedro, pelas conversas sensíveis. Ao Leandro, pela companhia inigualável há tanto tempo.

Agradeço, especialmente, ao Papel, pelo carinho incondicional e todo o apoio diário que tornou possível a escrita deste trabalho.

RESUMO

A Terra Indígena Apyterewa, no estado do Pará, vem sofrendo invasões e ataques sistemáticos que se estendem desde a década de 1980. Nesse contexto, está inserido o povo indígena Parakanã, autodenominados *Awaeté*. Este trabalho tem como proposta compreender as dinâmicas relacionais entre os Parakanã e a Associação Indígena Tato'a (AIT), que configura a única entidade representativa do povo perante o Estado e organizações parceiras, e conta com uma equipe composta por indígenas e não-indígenas. A análise parte de um estudo etnográfico realizado durante a Assembleia Geral do Povo Parakanã, que foi palco de reuniões entre órgãos indigenistas, organizações parceiras, a AIT e a comunidade. A fim de compreender o funcionamento interno da associação, foi realizada uma entrevista com a assessora técnica da Tato'a. Como o foco do trabalho configura-se na visão da comunidade em relação à associação, foram feitas também entrevistas semiestruturadas com cinco indígenas, onde foram expressas suas opiniões sobre o trabalho, conquistas, e a relação com os não-indígenas funcionários da AIT. Para compreender as nuances de cada entrevista, foi utilizado o método de análise de conteúdo. A partir dos desdobramentos da pesquisa, pode-se concluir que a relação dos indígenas com a associação configura-se como algo para além da relação entre um povo e a entidade que os assiste. A AIT tornou-se a voz, a forma organizacional e a resistência do próprio povo Parakanã, que a gere de acordo com seu interesse próprio. A relação com os não-indígenas que trabalham na AIT não é isenta de críticas, mas opera tanto no âmbito profissional e burocrático quanto no das relações informais, regidas por vínculos socioafetivos.

Palavras-chave: TI Apyterewa; povo Parakanã; associativismo indígena.

ABSTRACT

The Apyterewa Indigenous Land, located in the state of Pará, has been subject to systematic invasions and attacks since the 1980s. Within this context is situated the Parakanã Indigenous people, who self-identify as Awaeté. This study seeks to understand the relational dynamics between the Parakanã and the Associação Indígena Tato'a (AIT), which constitutes the sole representative entity of the people in their relations with the State and partner organizations, and whose team is composed of both Indigenous and non-Indigenous members. The analysis is based on an ethnographic study conducted during the General Assembly of the Parakanã People, which served as a space for meetings among indigenist agencies, partner organizations, the AIT, and the community. In order to examine the internal functioning of the association, an interview was carried out with Tato'a's technical advisor. Given that the focus of the research lies in the community's perspectives on the association, semi-structured interviews were also conducted with five Indigenous participants, who articulated their views regarding the association's work, achievements, and relationships with the non-Indigenous staff employed by the AIT. To apprehend the nuances of each interview, the method of content analysis was employed. Based on the findings of the research, it can be concluded that the relationship between the Indigenous community and the association extends beyond that of a people and the entity that represents or supports them. The AIT has become the voice, organizational form, and locus of resistance of the Parakanã people themselves, managed in accordance with their own interests. The relationship with non-Indigenous individuals working within the AIT is not devoid of criticism, yet it operates both within professional and bureaucratic domains and within the sphere of informal relations, shaped by socio-affective ties.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Operação de retirada de gado ilegal na TI Apyterewa - dez. de 2025	23
Figura 2 - indígenas Parakanã assistindo à reunião na Assembleia Geral do Povo Parakanã	37
Figura 3 - Pesquisadora em campo de atuação.....	38
Figura 4 - Pesquisadora em campo de atuação.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos entrevistados	40
Tabela 2 - Categorias analíticas e incidência nas entrevistas	41

LISTA DE SIGLAS

AIT – Associação Indígena Tato'a

ATL – Acampamento Terra Livre

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena

EBC – Empresa Brasil de Comunicação

FNSP – Força Nacional de Segurança Pública

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISA – Instituto Socioambiental

MPI – Ministério dos Povos Indígenas

PBA-CI – Plano Básico Ambiental – Componente Indígena

PF – Polícia Federal

PGTA – Plano de Gestão Territorial e Ambiental

TI – Terra Indígena

TNC – The Nature Conservancy

UHE – Usina Hidrelétrica

SUMÁRIO

1. Introdução, materiais e métodos	10
2. Os Parakanã na TI Apyterewa	17
2.1 Quem é o povo Parakanã	17
2.2 A trajetória desde o primeiro contato	19
2.3 Território e trabalho: rupturas e permanências nos modos de vida Parakanã.....	23
3. A associação indígena Tato'a e as formas contemporâneas de mediação política	28
3.1 A Tato'a: funções, projetos e impactos	28
3.2 Mediação institucional e assessoria técnica: uma perspectiva interna da AIT	31
4. Relações interétnicas, mediação e percepções indígenas	34
4.1 A Assembleia Geral do Povo Parakanã como espaço etnográfico.....	34
4.2 Procedimentos metodológicos e perfil dos entrevistados.....	39
4.3 Percepções indígenas sobre a Associação Indígena Tato'a	41
5. Considerações finais	45
Apêndices	51
Apêndice 1 – Entrevista com a assessora Brunna Baroni	51
Apêndice 2 – Entrevista com Parakanã 1	54
Apêndice 3 – Entrevista com Parakanã 2	57
Apêndice 4 – Entrevista com Parakanã 3	64
Apêndice 5 – Entrevista com Parakanã 4	69
Apêndice 6 – Entrevista com Parakanã 5	72

1. Introdução, materiais e métodos

Essa primeira seção tem por objetivo explicitar e justificar a metodologia e os referenciais bibliográficos selecionados para a pesquisa, além de realizar um breve resumo do conteúdo de cada seção. Devido ao envolvimento pessoal da autora com o objeto de pesquisa, o início da seção conta ainda com uma breve recapitulação de sua trajetória em relação à Associação Indígena Tato'a e o povo Parakanã, em um trecho excepcionalmente escrito em primeira pessoa, assim como os registros etnográficos.

O interesse em estudar o povo Parakanã surgiu recentemente em minha trajetória acadêmica, a partir de uma oportunidade de estágio junto à associação que viria a se tornar o objeto desta monografia. Em abril de 2025, conheci o coordenador da Associação Indígena Tato'a (AIT) e, cerca de uma semana depois, integrei a equipe que se deslocou a Brasília para atuar no Acampamento Terra Livre (ATL). Durante esse período, desempenhei principalmente atividades no estande de artesanato das mulheres Parakanã, além de oferecer apoio em outras frentes de trabalho, uma vez que o objetivo central da viagem era compreender a dinâmica de funcionamento da associação, conhecer a equipe e estabelecer os primeiros contatos com os Parakanã.

Foi nesse contexto que tive meus primeiros encontros com indígenas da Terra Indígena (TI) Apyterewa, conhecendo homens e mulheres da comunidade, entre eles a presidente da associação, Wenatoa Parakanã. Após o retorno do ATL, passei a atuar oficialmente na AIT, mantendo um contato cotidiano com os indígenas, ainda que majoritariamente mediado por meios digitais, em razão do estágio ocorrer no formato remoto.

A partir dessa experiência, surgiu a possibilidade de desenvolver esta monografia com base em uma vivência de campo mais próxima do que aquela proporcionada por outros temas até então considerados. Inicialmente, cogitou-se a realização de uma etnografia ou um estudo voltado às cadeias produtivas do cacau entre os Parakanã. No entanto, à medida que o trabalho na associação se aprofundava, tornou-se evidente que a própria AIT constituía um objeto de pesquisa relevante, capaz de sustentar uma análise antropológica mais ampla.

Ao relatar minha experiência de estágio, inclusive a outros estudantes de Ciências Sociais, percebi que havia um desconhecimento generalizado acerca do que é e de como

atua uma associação indígena, bem como sobre o funcionamento de projetos desenvolvidos por organizações não governamentais e órgãos governamentais em territórios indígenas. Essa constatação reforçou a importância de dar visibilidade a esse tema. Assim, ao eleger a Associação Indígena Tato'a como objeto de estudo, buscou-se manter os Parakanã como protagonistas da pesquisa, tomando como foco central a relação estabelecida entre essas duas esferas. Tal relação não pode ser compreendida como indissociável — uma vez que a AIT não existiria sem os Parakanã, enquanto a dependência não se reproduz de forma equivalente no sentido inverso —, mas configura-se como uma relação de interdependência, especialmente no contexto das políticas indigenistas e das recorrentes invasões às terras indígenas.

Os Parakanã, habitantes da Terra Indígena Apyterewa — território de atuação da Associação Indígena Tato'a —, constituem um povo de contato relativamente recente, cujo processo de estabelecimento formal junto ao Estado brasileiro se intensificou na década de 1980. A TI Apyterewa apresenta um grande histórico invasões e conflitos fundiários, tendo sido palco da implementação de distintas políticas e legislações indigenistas, além de tensões internas e externas (Fausto, 2021). Essa trajetória evidencia as múltiplas — e por vezes contraditórias — relações entre diferentes agentes, como grandes empreendimentos, fazendeiros, órgãos estatais, associações, organizações não governamentais e as próprias comunidades indígenas. Trata-se, portanto, de uma dinâmica sociopolítica e territorial particularmente relevante, no interior da qual se insere a análise das relações entre o povo Parakanã e a Associação Indígena Tato'a.

Considerando que esta monografia tem como principal ferramenta metodológica a realização de entrevistas e a análise de opiniões diretas, priorizou-se a pesquisa de material bibliográfico diretamente relacionado ao tema. Os Parakanã, como já mencionado, constituem um povo de recente contato, e a presente pesquisa busca uma análise situada, centrada especificamente nos indígenas impactados pela atuação da Associação Indígena Tato'a, isto é, aqueles residentes na Terra Indígena Apyterewa. Em função desse recorte, observa-se uma escassez relativa de estudos diretamente voltados a esse contexto, o que exigiu uma estratégia de busca bibliográfica mais ampla.

Nesse sentido, utilizou-se prioritariamente o Google Acadêmico, que oferece uma maior diversidade de artigos e livros. A busca inicial foi realizada a partir do termo “Parakanã”, resultando em 3.880 ocorrências, grande parte referentes aos Parakanã da Terra Indígena Parakanã. Entre os trabalhos especificamente relacionados à TI Apyterewa, predominavam estudos voltados às áreas da saúde e da educação. Foram,

então, selecionados os textos que dialogavam de maneira mais direta com os objetivos desta pesquisa, especialmente aqueles voltados aos costumes, modos de vida e à organização social dos Parakanã da Apyterewa. Posteriormente, ampliaram-se as buscas por meio de diferentes combinações de palavras-chave, como “Parakanã Apyterewa”, “TI Apyterewa” e “Cosmologia Parakanã”, entre outras. A partir desse conjunto inicial, novos materiais foram identificados por meio das referências bibliográficas dos próprios textos selecionados.

Em um segundo momento, iniciaram-se as buscas por notícias relacionadas à Terra Indígena Apyterewa, cujos resultados se mostraram particularmente relevantes em função da recorrência de conflitos fundiários e do avanço do desmatamento. A partir desse levantamento, estabeleceu-se contato com a coleção *Povos Indígenas no Brasil*, do Instituto Socioambiental (ISA). Essa coleção tornou-se um dos pilares da pesquisa, orientando a decisão de realizar um levantamento histórico detalhado da trajetória dos Parakanã da TI Apyterewa, que constitui a base do capítulo 2.

Dentre as referências bibliográficas, merece destaque a obra de Carlos Fausto, em especial o livro *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia* (Fausto, 2001), que se configura como a principal fonte etnográfica sobre os Parakanã. Fausto, para além de sua pesquisa, também tem envolvimento pessoal com a AIT. Seus textos foram indicados por seu orientando, e atual coordenador geral da AIT, Paulo Bull. A relevância do trabalho de Fausto reside na profundidade etnográfica de sua análise, funcionando, ao longo da pesquisa, como um verdadeiro livro-consulta, sobretudo na elaboração do capítulo 2. Outro autor de referência é Antônio Carlos Magalhães, cuja obra *Os Parakanã e os akwawa em Paranatin* (Magalhães, 1991) também subsidiou a reconstrução histórica e etnográfica do povo Parakanã.

Para a construção de uma base teórica voltada à análise das relações entre indígenas e não indígenas, optou-se pela utilização dos trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira e João Pacheco de Oliveira. A principal contribuição teórica de Roberto Cardoso de Oliveira para a antropologia brasileira concentra-se no conceito de “fricção interétnica”, desenvolvido em diversas de suas obras. Para o autor, o contato interétnico pode ser interpretado a partir de duas perspectivas principais: a da aculturação, entendida como incorporação dos indígenas à cultura dos não indígenas, e a das relações sociais. A primeira abordagem predominou por longo período na etnologia brasileira, sendo utilizada para diagnosticar o estado das comunidades indígenas em seu contato com a sociedade envolvente. A noção de fricção interétnica surge, assim, como uma alternativa

a esse modelo. O sistema interétnico forma-se a partir da relação entre as duas partes, que se unem por interesses opostos e interdependentes, constituindo subsistemas a partir da contradição. Para que um grupo seja considerado inserido nesse sistema, é necessário que exista uma dependência irreversível entre as partes, sendo a identidade étnica irredutível às transformações culturais decorrentes do contato (Oliveira; Faria, 1972).

Em texto anterior, Roberto Cardoso de Oliveira utiliza diferentes etnias para exemplificar o conceito, com destaque para os Tikuna, afirmando que grupos sociais empiricamente observáveis não são suficientes, por si só, para compreender integralmente o contato interétnico, apontando a necessidade de uma teoria específica do contato (Oliveira, 1967).

Os conceitos formulados por Roberto Cardoso de Oliveira seriam posteriormente aprofundados e atualizados por João Pacheco de Oliveira, sob forte influência de Darcy Ribeiro. O texto central utilizado nesta pesquisa foi *Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais* (Oliveira, 1998), que tem como objeto os povos indígenas do Nordeste brasileiro. O autor analisa grupos caracterizados como sertanejos pobres, sem-terra e sem forte contraste cultural, frequentemente ignorados pela antropologia clássica por não corresponderem ao ideal do “índio puro”. Esses grupos passaram a despertar o interesse de antropólogos apenas pelo viés de demandas políticas relacionadas à terra, à assistência e à atuação de órgãos indigenistas. O autor sugere que tais contextos podem ser analisados em diálogo com conceitos como fricção interétnica, bem como com críticas às noções de tribalismo e aculturação.

Grande parte do texto dedica-se ao conceito de “territorialização”, entendido como um processo de reorganização social que implica, necessariamente, a constituição de uma nova unidade sociocultural, a criação de mecanismos políticos especializados, a redefinição do controle sobre recursos ambientais e a reelaboração da cultura e da relação com o passado. O elemento recorrente desse processo é a inserção em uma situação colonial, que redefine a relação entre sociedade e território, alterando profundamente sua existência sociocultural. Para desenvolver esse argumento, o autor dialoga com o conceito de grupo étnico formulado por Fredrik Barth, que o entende como um tipo organizacional em que uma sociedade usava as diferenças culturais para fabricar e “refabricar” sua individualidade diante de outras com que estavam em contato permanente (Barth, 1969 apud Oliveira, 1998).

Nesse sentido, a territorialização aparece como a dimensão central por meio da qual o Estado-nação incorpora grupos etnicamente distintos, administrando populações a partir de recortes territoriais. O processo resulta na transformação das comunidades indígenas em coletividades politicamente organizadas, com identidades próprias, mecanismos de representação e formas culturais reconfiguradas. O autor chama atenção para o caráter ambíguo desse processo, que pode funcionar tanto como instrumento de assimilação quanto como mecanismo anti-assimilacionista, quando políticas indigenistas buscam criar condições que promovam a afirmação de identidades diferenciadas. -se, ainda, que tais processos não são exclusivamente impostos de fora: os próprios indígenas reinterpretam e reapropriam a “mistura” de acordo com seus interesses e crenças, reafirmando-se como coletividade. A etnicidade, assim, pressupõe uma trajetória histórica cuja atualização não elimina, mas pode reforçar, a referência à origem (Oliveira, 1998).

Para fundamentar o método de análise das entrevistas semiestruturadas realizadas no trabalho de campo, recorreu-se à autora Laurence Bardin, referência nos estudos sobre análise de conteúdo e pesquisa qualitativa. As informações metodológicas basearam-se no artigo *Análise de Conteúdo: uma metodologia da pesquisa qualitativa* (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021). Para Bardin, a pesquisa qualitativa reconhece a centralidade da subjetividade e a impossibilidade de neutralidade entre pesquisador, objeto e contexto, uma vez que a interpretação constitui elemento fundamental da análise. O material analisável pode provir de qualquer forma de comunicação, verbal ou não verbal, desde que passível de codificação semiótica.

A análise de conteúdo organiza-se em três etapas principais. A primeira, a pré-análise, envolve a escolha dos documentos, a formulação de hipóteses e objetivos e a preparação do material. Nesta pesquisa, foram utilizadas todas as entrevistas realizadas: cinco com indígenas e uma com um não indígena, funcionário da AIT. As entrevistas foram gravadas, transcritas e passaram por um tratamento que visou eliminar ruídos e vícios de linguagem, mantendo-se, contudo, a oralidade dos interlocutores.

A segunda etapa corresponde à análise do material, realizada por meio de operações de codificação, decomposição e categorização. Adotou-se como unidade de registro o “tema”, tendo como unidade de contexto as respostas completas das entrevistas. A partir desse procedimento, os dados foram agrupados em categorias analíticas definidas conforme as recorrências e sentidos emergentes do material empírico.

Por fim, a etapa de tratamento dos resultados e interpretação consistiu na sistematização das categorias e na elaboração de textos-síntese que possibilitaram a

análise interpretativa das entrevistas. As categorias construídas incluíram “Experiência de participação”, “Compreensão da AIT”, “Consequências do trabalho da AIT” e “Avaliação do trabalho e expectativas de melhora”. Durante o processo de codificação, observou-se a necessidade de flexibilidade conceitual, especialmente na categoria “Avaliação do trabalho e relação com os *toria*”, inicialmente restrita aos não indígenas funcionários da AIT, mas posteriormente ampliada para abranger todos os não indígenas que atuam diretamente junto aos Parakanã.

A entrevista realizada com a assessora técnica da AIT, Brunna Baroni, foi conduzida por meio de mensagens de áudio via aplicativo WhatsApp, em razão das limitações de tempo durante o trabalho de campo. Optou-se por utilizá-la como subsídio para a compreensão do funcionamento interno da associação e de suas perspectivas futuras, não sendo submetida ao mesmo processo de categorização das demais entrevistas.

Para cumprir com os objetivos traçados, este trabalho está organizado em cinco seções. A seção 1 tem por objetivo situar o percurso da pesquisa, explicitando o contexto etnográfico que deu origem ao trabalho, o recorte empírico adotado e os referenciais teóricos e metodológicos que orientam a análise. Ao assumir a experiência de campo como ponto de partida, essa seção delimita o lugar da pesquisadora, o objeto de estudo e os conceitos centrais mobilizados ao longo do texto.

A seção 2 é dedicada à apresentação do povo Parakanã, com ênfase nos grupos residentes na Terra Indígena Apyterewa. Nela, explicita-se a diferenciação entre Parakanãs Ocidentais e Orientais, conceito chave que regeu em grande parte as pesquisas relacionadas ao povo. Posteriormente, reconstrói-se a trajetória histórica desde o primeiro contato, os processos de conflito, territorialização e resistência. A seção abrange também aspectos dos modos de vida e da organização social, tanto no contexto pré-contato quanto na atualidade, conceitos fundamentais para a compreensão do contexto em que se insere a atuação da Associação Indígena Tato’a.

Durante a seção 3, é analisada a constituição, as funções e os impactos da Associação Indígena Tato’a, abordando sua estrutura organizativa, seus projetos e seu papel como instância de mediação política e institucional. Aqui, apresenta-se também a entrevista com a assessora técnica da associação, que permite uma visão interna do funcionamento e das relações interpessoais que permeiam as dinâmicas do associativismo.

A seção 4 centra-se na relação entre os Parakanã e os *toria* (não-indígenas), a partir da descrição etnográfica da Assembleia Geral do Povo Parakanã e da análise das entrevistas realizadas, privilegiando as percepções indígenas sobre a atuação da associação e sobre as relações interétnicas que atravessam o cotidiano do grupo. Por fim, a seção 5 apresenta as considerações finais e resultados da pesquisa.

2. Os Parakanã na TI Apyterewa

Esta seção apresenta o povo Parakanã a partir do recorte empírico adotado nesta monografia: os grupos residentes na Terra Indígena Apyterewa, no sudeste do Pará. O objetivo não é oferecer uma etnografia exaustiva, mas situar o leitor no contexto histórico, territorial e sociopolítico que estrutura as relações analisadas nas seções seguintes. Para isso, o texto articula três dimensões: (I) uma caracterização geral do povo Parakanã, de sua distribuição territorial entre duas terras indígenas e de categorias nativas que organizam a alteridade e as relações com “outros”; (II) a trajetória de contato, invasões e conflitos fundiários na TI Apyterewa; e (III) as formas de organização interna e as transformações do modo de vida tradicional a partir do contato. Ao delimitar esse panorama, a seção estabelece as condições de possibilidade para compreender a emergência e a centralidade da Associação Indígena Tato’a como instância de mediação política e institucional.

2.1 Quem é o povo Parakanã

A história dos povos indígenas na Amazônia, apesar de sua diversidade interna, é recorrentemente marcada por processos de resistência, adaptação e confronto diante da expansão colonial, da ação do Estado e da incidência de interesses econômicos sobre seus territórios. Os Parakanã constituem um caso particularmente elucidativo da forma como a diferença indígena é historicamente produzida a partir de experiências desiguais de contato com os não indígenas. Ao longo da segunda metade do século XX, a intensificação das invasões e das frentes de ocupação colocou esse povo em relações cada vez mais tensas com agentes externos e com o próprio Estado, desencadeando processos internos de diferenciação cultural, política e territorial que culminaram na distinção entre os chamados Parakanã Orientais e Parakanã Ocidentais.

Esta seção tem por objetivo examinar a construção histórica dessa diferenciação, com ênfase na trajetória dos Parakanã Ocidentais, habitantes da Terra Indígena Apyterewa. Tal distinção decorre de acontecimentos concretos (guerras internas, deslocamentos forçados, políticas indigenistas e disputas territoriais) que operaram simultaneamente nos planos simbólico e material. A partir de processos como a sedentarização, a reorganização produtiva e a intensificação dos conflitos fundiários, essa cisão foi sendo elaborada de forma não intencional, nas práticas cotidianas, nas formas

de organização social e nas estratégias de resistência desenvolvidas pelos próprios Parakanã.

O povo indígena Parakanã é falante de uma língua pertencente à família Tupi-Guarani e ocupa atualmente duas terras indígenas oficialmente reconhecidas no estado do Pará: a Terra Indígena Parakanã e a Terra Indígena Apyterewa. A primeira localiza-se na bacia do rio Tocantins, possui cerca de 352 mil hectares e abriga aproximadamente 1.325 pessoas, sendo classificada, segundo o Censo Demográfico de 2022, como a oitava terra indígena mais populosa do país. A Terra Indígena Apyterewa, por sua vez, situa-se na bacia do rio Xingu e é habitada por cerca de 1.383 pessoas, das quais 767 se autodeclaram indígenas (ISA, 2025).

A presença dos Parakanã em duas regiões hidrográficas distintas reflete trajetórias históricas diferenciadas de contato com a sociedade envolvente. Carlos Fausto propõe uma distinção analítica entre Parakanã Orientais e Ocidentais como forma de compreender as diferenças em suas formas de organização social, padrões de mobilidade, estratégias políticas e experiências de relação com o Estado e com outros grupos. De modo geral, os Parakanã Ocidentais resistiram por mais tempo ao contato sistemático, preservando padrões elevados de mobilidade territorial, autonomia guerreira e descentralização política. Em contraste, os Parakanã Orientais passaram por um processo mais precoce e intenso de sedentarização, sobretudo a partir da década de 1970, sob influência direta das políticas indigenistas e da expansão da fronteira de ocupação na Amazônia (Fausto, 2001).

Para compreender a cosmovisão, as dinâmicas sociais e os processos de diferenciação interna desse povo, é fundamental considerar as categorias nativas *Awaeté* e *akwawa*. O nome “Parakanã”, pelo qual esse grupo é nacionalmente conhecido, não corresponde à sua autodenominação, tratando-se de uma designação exógena, originalmente empregada por outros povos indígenas, em especial os Arara-Pariri, com os quais mantinham relações hostis. Esse termo foi posteriormente apropriado por órgãos do Estado brasileiro, como a Funai e o IBGE, consolidando-se nos registros oficiais. Os próprios Parakanã se autodenominam *Awaeté*, expressão que pode ser traduzida como “gente de verdade” ou “gente autêntica”, formada pelos termos *awa* (gente) e *eté* (verdadeiro) no idioma tupi (Araujo, 2017).

Em oposição, a categoria *akwawa* designa o “outro”, aquele que não compartilha dos padrões morais, estéticos ou comportamentais considerados próprios do grupo. O *akwawa* é frequentemente descrito como uma figura associada à hostilidade e ao desvio:

alguém de cabelo comprido, que mata com porrete em vez de flechas, que não vive em aldeias fixas e que habita o interior da terra ou ocos de árvores. Trata-se de uma figura-limite, situada entre o humano e o não humano. Historicamente, essa categoria foi mobilizada para designar inimigos externos e para classificar grupos internos em contextos de conflito ou cisão, evidenciando que a alteridade é construída, também, a partir de tensões internas ao coletivo. Para além dessa oposição, há ainda o termo *toria*, utilizado para designar o não indígena que não se confunde com o *akwawa* (Magalhães, 1991), categoria central para a análise desenvolvida nas seções seguintes.

O episódio que culminou na cisão entre os atuais Parakanã Orientais e Ocidentais, ocorrido por volta da década de 1890, ilustra de forma exemplar esse processo. A ruptura teve origem em um conflito relacionado à posse de uma mulher raptada, resultando em mortes e no subsequente afastamento de grupos aparentados. Tentativas posteriores de reconciliação não foram bem-sucedidas, consolidando uma divisão duradoura. A partir desse momento, os dois segmentos passaram a desenvolver formas distintas de organização social, política e cosmológica: os Orientais, hoje concentrados na Terra Indígena Parakanã, adotaram um modo de vida mais sedentário, aldeias politicamente centralizadas e padrões defensivos em relação à guerra; os Ocidentais, situados na Terra Indígena Apyterewa, reforçaram sua mobilidade, a descentralização política e práticas beligerantes, chegando inclusive a abandonar temporariamente a horticultura tradicional em favor de uma lógica centrada na guerra e no saque (Fausto, 2021).

Diante dessas distinções históricas e políticas, esta monografia tem como foco os Parakanã Ocidentais, com ênfase nos grupos atualmente residentes na Terra Indígena Apyterewa, no sudeste do Pará. A trajetória singular desse grupo em sua relação com o outro, seja *akwawa*, seja *toria*, constitui o ponto de partida para a análise das relações entre os Parakanã e a Associação Indígena Tato'a, desenvolvida nas seções seguintes.

2.2 A trajetória desde o primeiro contato

As duas terras indígenas ocupadas pelos Parakanã apresentam trajetórias fundiárias profundamente distintas, diretamente relacionadas aos diferentes momentos e modalidades de contato com a sociedade envolvente. A Terra Indígena Parakanã teve seu contato estabelecido em 1971, no contexto da abertura da rodovia Transamazônica, episódio emblemático da penetração estatal e da reorganização territorial imposta aos povos indígenas da região. Já a Terra Indígena Apyterewa vivenciou um processo de reconhecimento mais tardio e significativamente mais conflituoso: o primeiro contato

oficial com os Parakanã dessa área ocorreu apenas entre 1983 e 1984, em meio a um cenário já marcado pela intensificação das frentes de exploração econômica.

Esta seção reconstrói a trajetória histórica dos Parakanã com ênfase nos grupos residentes na TI Apyterewa, a partir de uma revisão de materiais da coleção *Povos Indígenas no Brasil*, do Instituto Socioambiental (ISA), além de outros textos e reportagens complementares. Por se tratar de uma leitura baseada em textos jornalísticos publicados ao longo de anos sucessivos, alguns episódios não apresentam desfechos imediatos, mas permitem apreender o cenário sociopolítico mais amplo no qual se insere a história recente da TI.

Antes mesmo do primeiro contato oficial, a frente colonizadora já avançava sobre o território Parakanã, impulsionada sobretudo pelo alto valor do mogno no mercado internacional. A partir do primeiro contato, os registros passam a mostrar uma sequência de deslocamentos forçados e intervenções mal planejadas. Uma aldeia situada em área destinada à inundação pela Usina Hidrelétrica de Tucuruí teve seus habitantes removidos para uma região atravessada por rodovias e já ambientalmente degradada, o que comprometeu a caça e tornou os indígenas dependentes do abastecimento promovido pela Funai. Em 1977, um projeto de transferência das comunidades foi elaborado, mas inviabilizado pela ocupação prévia das áreas por posseiros e fazendeiros. Embora acordos de indenização tenham sido firmados entre Funai e Eletronorte, estes não foram cumpridos, aprofundando a instabilidade territorial. Neste período, um novo grupo Parakanã foi encontrado, e a Funai tentava organizar uma frente de atração para estabelecer contato. (Ramalho, 1981).

Ao longo do início da década de 1980, a situação agravou-se. A redução arbitrária do território, a entrada de posseiros e madeireiras, a instalação de garimpos e sucessivas transferências contribuíram para um quadro de insegurança alimentar, disseminação de doenças, como a malária, e tensão permanente. Paralelamente, novas frentes de atração buscavam contatar grupos Parakanã que resistiam ao contato, localizados no Vale do Médio Xingu, já sob influência direta de garimpeiros (Ricardo, 1984).

O período entre 1983 e 1984 foi marcado por conflitos armados envolvendo Parakanã, Araweté e agentes externos, em uma demonstração da complexidade das relações interétnicas na região. Tentativas de contato coexistiam com episódios de violência, expedições guerreiras e intervenções emergenciais conduzidas por sertanistas da Funai. Nesse contexto, cerca de 70 Parakanã foram finalmente contactados no Baixo Xingu, já expostos a alto risco de contaminação por doenças (Ricardo, 1984).

A partir de meados da década de 1980, intensificaram-se os conflitos de desintração. A Eletronorte alegava a necessidade de inundar extensas áreas da reserva, ao mesmo tempo em que centenas de famílias de colonos eram assentadas no território. A presença de um cemitério Parakanã nas áreas afetadas agravou o conflito simbólico e territorial. Alguns representantes indígenas foram até Brasília, com o apoio de sertanistas, para discutir a situação. Embora uma área de 317 mil hectares tenha sido definida para os Parakanã, as disputas persistiram, envolvendo madeireiras, garimpos e novos projetos de colonização (Ricardo, 1985).

Entre os anos de 1990 e 1995, a TI Apyterewa foi oficialmente declarada posse definitiva dos Parakanã, contendo 980 mil hectares. Entretanto, a demarcação do território continuava como grande desafio. A exploração madeireira atingiu níveis alarmantes, com abertura de estradas ilegais e serrarias, além dos garimpos ilegais que operavam dentro da TI. O período contou ainda com propostas políticas locais de redução da TI e a proposta do presidente Fernando Henrique Cardoso de reformulação das políticas indigenistas nacionais (Ricardo, 1996). Posteriormente, a TI Apyterewa sofreu uma redução de 160 mil hectares, agravando ainda mais o desmatamento por parte das grandes empresas madeireiras. Houve ainda um crescente envolvimento de jovens indígenas com atividades madeireiras, trabalho escravo em fazendas, lotes vendidos ilegalmente e narcotráfico em operação na região. Estudos técnicos apontaram falhas institucionais graves, atribuindo à Funai, ao Incra e à União a responsabilidade pelo caos fundiário instaurado. Ainda assim, decisões políticas favoreceram a redução da área indígena, aprofundando o conflito (Ricardo, 2000).

Nos anos seguintes, a TI Apyterewa tornou-se a última grande reserva de mogno do sul do Pará. Mesmo com a significativa redução da área da TI, conflitos armados com posseiros, ameaças a servidores públicos e a paralisação de operações de fiscalização marcaram o período. Ao final de 2005, a Funai finalmente concluiu a demarcação do território. A partir desse marco, pontos de invasão foram registrados e mapeados para posterior retirada dos invasores, e a Funai passou a mediar os conflitos de interesse entre os envolvidos com diversas negociações (Ricardo, 2006). A TI foi homologada oficialmente em 2007, contando com 773 mil hectares, e sua regularização fundiária foi apontada pela Funai como condicionante para o licenciamento ambiental da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Além de não cumprir sua obrigação de desintração, a hidrelétrica causou grandes impactos, diretos e indiretos, ao povo Parakanã: a alteração do curso do rio Xingu, perda de áreas de pesca e degradação do meio ambiente,

crescimento desordenado de cidades próximas ao território, aumento do trânsito de não indígenas em aldeias, intensificação de conflitos fundiários e socioambientais, e aumento da vulnerabilidade na luta por direitos (Ricardo, 2011). Os anos que seguiram contaram com grandes campanhas e manifestações contra a construção da UHE Belo Monte, unindo diversos grupos, entre eles o povo Parakanã. Os embates envolvendo tais grupos e a Norte Energia – empresa responsável pela construção da hidrelétrica – arrastam-se por anos, até a obra ser finalizada em 2016 (Ricardo, 2017).

A partir de 2018, os índices de desmatamento voltaram a crescer de forma acelerada, culminando no reconhecimento da TI Apyterewa como a terra indígena mais desmatada da Amazônia Legal entre 2021 e 2022. O impacto do governo do presidente Jair Bolsonaro fez com que os invasores, que acreditavam em suas promessas de reduzir territórios indígenas demarcados, fossem impulsionados a retomar antigos núcleos de exploração e aumentassem sua atuação na área. (Ricardo; Klein; Santos, 2023). A formação de núcleos habitacionais ilegais, o fortalecimento da pecuária clandestina e a atuação de redes que envolvem atravessadores, frigoríficos e instituições financeiras aprofundaram a degradação ambiental e os conflitos territoriais (Alessi, 2022).

Somente em 2023 teve início uma nova Operação de Desintrusão, articulada entre diversos órgãos federais, após intensas mobilizações das lideranças Parakanã e da Associação Indígena Tato'a. A operação resultou na retirada de gado, desmonte de acampamentos ilegais e repressão a crimes ambientais, culminando, em 2024, na assinatura da certidão que oficializou a conclusão da desintrusão. Ainda assim, o território permanece sob constante ameaça, com ataques recorrentes, disputas em torno das áreas de cacau e episódios recentes de violência armada (Carneiro, 2025).

Em 2024, a aldeia Apyterewa, na TI Apyterewa, recebeu a ministra Sonia Guajajara e o ministro Márcio Macedo para a entrega simbólica da terra aos indígenas e a discussão dos próximos passos. Foi realizada a assinatura da certidão que oficializou a conclusão da operação de desintrusão da TI (Ministério dos Povos Indígenas, 2024). O território entrou na chamada fase de desintrusão, porém continua sofrendo ataques periódicos de invasores. Com a retirada dos invasores, grandes plantações de cacau foram abandonadas e, posteriormente, tomadas pelos indígenas, que passaram a cultivar e comercializar o fruto. As plantações de cacau eram de grande interesse dos invasores, o que se transformou em motivação para novos ataques. A partir de dezembro de 2024 até maio de 2025, ocorreram cinco ataques, o último resultando em um indígena ferido a tiro. A onda de ataques fez com que profissionais de educação e saúde pedissem retirada por

riscos. Os indígenas denunciaram a insegurança constante pela ausência de órgãos de proteção (Carneiro, 2025). Em outubro de 2025, o MPI, a PF e a Funai destruíram seis acampamentos de garimpeiros e invasores, demonstrando avanço nos processos de pós-desintrusão. Atualmente existem duas bases dentro da TI, com equipes da Funai, FNSP e DSEI (Ministério dos Povos Indígenas, 2025). Durante uma ação de retirada de gado da TI, a equipe foi surpreendida por mais um ataque, um dos funcionários foi baleado e veio a óbito (Ibama, 2025). Nos últimos anos, novas aldeias foram sendo abertas dentro da TI, e mesmo as recém-inauguradas são alvo de ataques armados. É nesse contexto de instabilidade permanente que emergem novas formas de organização política indígena, entre elas a Associação Indígena Tato'a, cuja atuação será analisada na seção seguinte.

Figura 1. Operação de retirada de gado ilegal na TI Apyterewa - dez. de 2025



Fonte: fotografia por Bruno Perez, 2025

2.3 Território e trabalho: rupturas e permanências nos modos de vida Parakanã

A compreensão da trajetória dos Parakanã Ocidentais exige a articulação entre dois eixos indissociáveis. De um lado, situam-se os modos de vida, as formas de organização social e os princípios cosmológicos que estruturavam as aldeias, as relações de gênero, as práticas produtivas, as alianças matrimoniais e os rituais coletivos. De outro,

encontram-se as transformações desencadeadas pela intensificação do contato com o não indígena, especialmente no contexto das pressões políticas, econômicas e territoriais que se agravaram no sudeste do Pará ao longo do século XX. Esses eixos não podem ser compreendidos como esferas separadas, mas sim como dimensões imbricadas que, em conjunto, reconfiguraram a cosmopolítica Parakanã tal como se apresenta na atualidade. Torna-se necessário, portanto, retomar aspectos centrais dos modos de vida anteriores ao contato prolongado para, a partir deles, compreender as transformações. É nesse sentido que esta seção se inicia com uma breve recapitulação de postos-chave da etnografia de Carlos Fausto.

Para ambos os grupos Parakanã, a noção tradicional de aldeia (*tawa*) organizava-se a partir de uma tríade fundamental: a casa coletiva, as roças e a *tekatawa* (ou “praça”). A casa coletiva consistia em uma ampla estrutura coberta por folhas de babaçu, onde o grupo vivia de forma compartilhada. Internamente, as redes eram organizadas em torno de núcleos familiares, constituindo o espaço cotidiano das relações de parentesco, da preparação dos alimentos e do descanso. A casa era um espaço público, onde inclusive se vedava a prática de atos sexuais, mas também um espaço de trocas afetivas e organização da vida doméstica. As roças, por sua vez, eram majoritariamente geridas pelas mulheres, especialmente no cultivo da mandioca, alimento central na dieta Parakanã, enquanto os homens participavam em momentos específicos do ciclo produtivo, em uma divisão do trabalho baseada na complementariedade entre os gêneros. Já a *tekatawa*, espaço exclusivamente masculino, constituía o centro das decisões políticas, dos rituais e dos debates coletivos.

A partir da década de 1950, entretanto, esse modelo começou a se desestruturar entre os Parakanã Ocidentais. A casa coletiva foi a primeira a passar por um abandono progressivo, ocasionando a dispersão das unidades familiares em habitações autônomas. Posteriormente, a redução das roças e o desaparecimento da *tekatawa* demonstraram um processo de crescente mobilidade territorial, que alterou profundamente os padrões de sociabilidade e organização política do grupo (Fausto, 2021).

Os Parakanã Ocidentais são tradicionalmente caçadores especializados, com ênfase na captura de animais terrestres. Embora a pesca e a caça de aves também integrem seu sistema de subsistência, essas atividades ocupam um papel secundário. A pesca, por exemplo, é praticada sobretudo no período da seca, quando o recuo dos rios facilita a captura dos peixes. Ainda assim, o consumo de pescado e de outras carnes é regulado por uma rigorosa seletividade alimentar, orientada por critérios cosmológicos. Certas espécies

são sistematicamente evitadas devido sua associação simbólica específica. A capivara, por exemplo, é rigidamente excluída da dieta por estar vinculada ao universo da feitiçaria (Fausto, 2001).

No que diz respeito às alianças matrimoniais, os Parakanã Ocidentais mantinham um sistema relativamente flexível. Havia quatro formas tradicionais de constituição do matrimônio: por meio de arranjos familiares, pela sucessão matrimonial (casando-se com a viúva de um parente), pelo rapto de mulheres de grupos rivais ou pelo roubo de esposas de outros parentes. As mulheres desempenhavam papel ativo na construção dessas alianças, frequentemente trocando seus filhos de modo a fortalecer redes de solidariedade, prestígio e proteção para seus irmãos e descendentes. Essa estrutura patrilinear tendia a favorecer homens mais velhos na obtenção de esposas, reforçando a centralidade da idade e do prestígio nas relações sociais (Fausto, 2001).

As festas e rituais, como a “festa das tabocas”, a “festa do cigarro” e a “festa do bastão rítmico”, constituíam o núcleo da vida coletiva. Muitas vezes associadas a atividades como a caça ou a coleta de mel, essas performances envolviam cantos, danças e trocas, funcionando como instâncias de reafirmação da identidade Parakanã. Os registros etnográficos indicam um sistema ritual dinâmico, sujeito a transformações ao longo do tempo em razão do contato com não indígenas. Um traço distintivo dos Parakanã Ocidentais em relação a outros povos Tupi é a ausência de xamãs. Há certa desconfiança em relação a indivíduos que buscam se destacar por supostos poderes espirituais, o que produz uma forte contenção das hierarquias religiosas. Ainda assim, a feitiçaria permanece presente, aprendida em sonhos e transmitida por seres como a capivara ou o morcego. Esses sonhos, contudo, só adquirem legitimidade quando acompanhados de cantos específicos; o sonho sem canto é considerado mentira (Fausto, 2001).

Esses elementos são fundamentais para compreender o significado do contato com os *toria*. As relações estabelecidas com os não indígenas não se iniciaram sob o signo da submissão ou do desejo de integração, mas como trocas estratégicas orientadas por interesses específicos, como a obtenção de ferramentas. O que se seguiu, contudo, foi uma longa trajetória marcada por invasões, conflitos territoriais, negociações políticas e resistência, conforme apresentado na seção anterior sobre a desintrusão da Terra Indígena Apyterewa.

A partir desse contato, os Parakanã gradualmente reinventaram suas práticas e sua relação com o território, configurando um exemplo expressivo do processo de territorialização (Oliveira, 1998). Até meados do século XX, os Parakanã Ocidentais

havia abandonado a horticultura, priorizando um regime baseado na caça, na coleta e na pilhagem de roças alheias. Com o processo de “pacificação” conduzido pela Funai a partir da década de 1980, foram reintroduzidos à agricultura por meio de grandes roças coletivas, como parte de uma estratégia de sedentarização. Essa transição alterou profundamente a base produtiva do grupo, impactando sua mobilidade, sua dieta e suas formas de organização social, uma vez que o cultivo passou a ser articulado à lógica dos Postos Indígenas e às demandas institucionais de controle sanitário e médico (Fausto, 2001).

A reorganização produtiva também implicou mudanças significativas na divisão sexual do trabalho. Enquanto, no modelo pré-contato, as mulheres ocupavam posição central na produção agrícola, com a intervenção do aparato indigenista os homens passaram a assumir o protagonismo nessas atividades, invertendo a lógica anterior. Paralelamente, observou-se um processo de nuclearização das unidades domésticas, com a família se constituindo como célula produtiva autônoma. O trabalho deixou de se orientar prioritariamente por uma lógica coletiva para se organizar em torno do sustento da esposa e dos filhos, reforçando o papel da família nuclear como agente econômico (Fausto, 2001).

Outro efeito relevante desse processo foi a ampliação do repertório alimentar, sobretudo em função do esgotamento progressivo dos recursos ao redor das aldeias. A redução da mobilidade e a intensificação da pressão territorial favoreceram a incorporação de novas espécies animais e o aumento do consumo de pescado, facilitado pela introdução de tecnologias como linhas, anzóis, canoas e ferramentas metálicas. Embora essas tecnologias ampliassem as possibilidades produtivas, também transformaram práticas, ritmos e relações com o ambiente (Fausto, 2001).

Apesar da sedentarização parcial, a caça permanece como prática central entre os Parakanã Ocidentais, ainda que adaptada às novas condições territoriais. As expedições tornaram-se mais curtas — geralmente entre três e quatro dias — e concentram-se em áreas próximas às aldeias, sobretudo durante a estação chuvosa, quando a frutificação atrai as presas. Após o contato, arcos e flechas foram substituídos por espingardas com lanternas, e a limitação de cartuchos contribuiu para a redução do alcance das expedições. Ainda assim, a caça continua regida por critérios cosmológicos que definem o que pode ser morto e consumido. O histórico de invasões introduziu um elemento adicional de insegurança, restringindo a circulação pelo território. Dessa forma, os Parakanã enfrentam uma ameaça que é simultaneamente territorial e ontológica: a impossibilidade

de circular livremente compromete não apenas os modos de vida, mas a própria memória que sustenta a relação com a floresta, o movimento e a autonomia sobre seus caminhos (Fausto, 2001).

3. A associação indígena Tato'a e as formas contemporâneas de mediação política

A emergência da Associação Indígena Tato'a ocorre em um contexto de urgência de um modo de articulação política formal por parte do povo Parakanã, principalmente devido aos conflitos territoriais constantes e a intensificação das relações com o Estado. Conforme apresentado nas seções anteriores, os processos de contato, invasão e desintrusão da Terra Indígena Apyterewa produziram profundas transformações nos modos de vida, nas formas de organização social e nas estratégias de defesa territorial dos Parakanã Ocidentais. A constituição de uma associação indígena neste cenário é, para além de um órgão meramente administrativo, uma resposta situada às condições contemporâneas de mediação institucional, acesso a políticas públicas e interlocução com agentes não indígenas. Esta seção analisa a Associação Indígena Tato'a enquanto forma específica de organização política Parakanã, examinando suas funções, sua estrutura e os efeitos de sua atuação no cotidiano das aldeias, bem como as tensões e expectativas que atravessam as relações entre a associação, os indígenas e os parceiros externos.

3.1 A Tato'a: funções, projetos e impactos

Criada em 2014, a Associação Indígena Tato'a (AIT) constitui-se como a única organização representativa do povo Parakanã. Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos, com sede na Aldeia Apyterewa, localizada na Terra Indígena Apyterewa, conforme registrado no Mapa Cultural do Pará (Mapa Cultural do Pará, s.d.). A associação emerge em um contexto de intensificação dos conflitos territoriais e necessidade de interlocução sistemática com órgãos governamentais, organizações não governamentais e demais parceiros institucionais. Nesse sentido, a AIT desempenha papel central como instância de mediação entre os Parakanã e os diversos agentes externos, articulando demandas, projetos e estratégias voltadas ao fortalecimento institucional e à defesa do território.

As articulações promovidas pela AIT têm como objetivo principal a mobilização de recursos e a implementação de projetos que incidem sobre diferentes dimensões da vida comunitária, como o fortalecimento de práticas culturais, a capacitação de indígenas nas áreas da saúde, educação, gestão e proteção territorial. O nome "Tato'a" homenageia um guerreiro forte e respeitado entre os Parakanã, avô de Woxyy'ma, evocando uma

memória de liderança e resistência associada à trajetória histórica do povo (Associação Indígena Tato'a, 2025).

A associação atua em conjunto com o Conselho Parakanã, composto por dez lideranças indígenas, com o objetivo de ampliar a participação comunitária nos processos decisórios. Sua estrutura organizacional reúne jovens, adultos e anciãos, com destaque para a presença feminina em cargos de liderança: Wenatoa Parakanã ocupa a presidência, Xama Parakanã a vice-presidência e Ximoa Parakanã a secretaria. Além dessas lideranças, outros indígenas desempenham funções estratégicas na condução das atividades da associação. A equipe conta ainda com assessoria técnica composta por não indígenas, entre os quais o coordenador geral Paulo Bull e a assessora técnica Brunna Baroni, além de profissionais responsáveis pela administração financeira e gestão de projetos. Esse núcleo técnico é responsável pela prospecção de financiamentos, pela elaboração e acompanhamento de projetos e pela administração dos recursos. Além disso, os assessores desempenham papel relevante na capacitação dos indígenas para o exercício de funções políticas e administrativas e para a mediação de conflitos internos e externos (Associação Indígena Tato'a, s.d.).

Um dos principais marcos da atuação da AIT foi a elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Apyterewa (PGTA), denominado em língua Parakanã Marantapa Xapo, expressão que pode ser traduzida como “o que fazer”. O PGTA foi construído de forma coletiva, em parceria com a Funai, a The Nature Conservancy (TNC) e o Fundo Amazônia, e se apresenta como um instrumento estratégico de planejamento voltado à defesa do território e ao fortalecimento cultural do povo Parakanã. Sua elaboração baseou-se em trabalhos prévios de etnomapeamento e etnozoneamento, incorporando as especificidades socioculturais da etnia. O plano estrutura-se em três eixos estratégicos: (I) governança indígena, que abrange as decisões tomadas em assembleias gerais, o fortalecimento do Conselho Parakanã e da própria AIT, a formação de Agentes Ambientais Parakanã e a capacitação contínua das lideranças em ferramentas de gestão; (II) proteção territorial, voltada à efetivação da posse plena do território por meio de ações de vigilância, monitoramento e fiscalização ambiental; e (III) manejo sustentável dos recursos naturais, com foco na organização de cadeias produtivas de produtos florestais não madeireiros, como castanha-do-pará, cumaru, copaíba e cacau, bem como em processos de restauração de áreas degradadas (Associação Indígena Tato'a, s.d.).

No contexto pós-desintrusão da Terra Indígena Apyterewa, o PGTA assume centralidade como instrumento de orientação das ações coletivas e de articulação com

parceiros externos. A AIT é fundamental para sua implementação, sendo responsável pela mobilização de recursos, pela consolidação de parcerias institucionais e pela representação dos interesses do povo Parakanã nos diferentes espaços de negociação (Associação Indígena Tato'a, s.d.).

Por meio dos recursos captados em projetos com organizações parceiras, a associação tem desenvolvido ações voltadas ao fortalecimento das cadeias econômico-produtivas, frequentemente articuladas às estratégias de proteção territorial. Entre essas ações destacam-se o mapeamento e o monitoramento remoto de castanheiras, copaíbas e cacauzeiros, que associam produção econômica e vigilância do território (Associação Indígena Tato'a, s.d.). Ainda no campo econômico, foi criada uma subdivisão da AIT dedicada ao apoio à produção e comercialização de artesanato confeccionado por mulheres Parakanã. Essa iniciativa deu origem à marca Kania, nome que homenageia a única mulher que dominava a produção de cerâmica e que costumava presentear seus parentes; Kania, mãe de Orowaxoha, foi sequestrada pelos Xikrin e levada para viver com esse povo, sendo sua memória resgatada como referência simbólica da iniciativa (Associação Indígena Tato'a, 2025).

O conjunto de ações desenvolvidas pela AIT é viabilizado por meio de parcerias com instituições e organizações de apoio à causa indígena e às questões socioambientais. A associação mantém relações com ONGs como a The Nature Conservancy (TNC), o Fundo Dema e o Fundo Lira, além de integrar redes regionais e nacionais, como o CIMI, a Rede Xingu, o Vem do Xingu e a Rede de Cantinas Terra do Meio. Também participa de eventos de projeção nacional, como o Acampamento Terra Livre (ATL) e a Marcha das Mulheres. Os projetos implementados abrangem áreas diversas, incluindo proteção territorial, infraestrutura, produção econômica, fortalecimento cultural, participação em eventos e aquisição de equipamentos e veículos. Destacam-se ainda iniciativas de capacitação em informática, etnomapeamento e formação de agentes de proteção ambiental. Um marco recente foi a instalação de kits de energia solar e internet, via *Starlink*, em 23 aldeias, o que ampliou significativamente a comunicação interna e externa, fortalecendo as conexões entre as aldeias, a AIT, órgãos indigenistas e parceiros institucionais.

O fortalecimento institucional da AIT está diretamente associado à qualidade de suas relações com organizações parceiras, sejam elas governamentais ou não governamentais. Esse fortalecimento tem se mostrado fundamental para a ampliação da autonomia política do povo Parakanã, ao possibilitar o desenvolvimento de capacidades

organizacionais e de liderança que sustentam a defesa de direitos, a tomada de decisões coletivas e a participação qualificada em processos de negociação política.

3.2 Mediação institucional e assessoria técnica: uma perspectiva interna da AIT

A opção metodológica por uma perspectiva interna permite acessar não apenas as funções formalmente atribuídas à assessoria, mas também as dinâmicas práticas, os arranjos institucionais e as tensões que atravessam a execução dos projetos e a relação da AIT com as comunidades indígenas e com os órgãos parceiros. Nesse sentido, esta subseção foi construída a partir do relato qualificado de uma assessora técnica diretamente envolvida com o cotidiano institucional da AIT, tomando a entrevista como fonte privilegiada de compreensão dos processos internos de mediação, gestão e assessoria técnica. Ademais, o depoimento analisado contribui para iluminar a dimensão operativa da mediação institucional, evidenciando como a assessoria técnica se materializa no dia a dia da associação e quais sentidos são atribuídos a esse trabalho por quem o realiza.

A entrevista com a assessora técnica da AIT, Brunna Baroni, foi realizada através do aplicativo *Whatsapp*. Parte da entrevista ocorreu por áudios, e parte em mensagens de texto. As perguntas abrangeram principalmente o funcionamento interno da Tato'a, os marcos alcançados e as expectativas para o futuro. A assessora foi convidada a participar da pesquisa por ser uma das funcionárias mais antigas da associação, proporcionando uma visão que abrange diferentes momentos da história da AIT. Brunna também demonstra um forte envolvimento com a comunidade, por conviver diariamente com os indígenas em Altamira, e realizar diversas atividades em campo nas aldeias da TI Apyterewa.

Ao ser perguntada sobre suas funções, Brunna afirma que a grande maioria se relaciona com a execução de projetos. Isso implica na escrita inicial do projeto, planejamento das atividades, articulação e mobilização da comunidade, contratação de consultoria, se necessário, articulação com o órgão parceiro e, finalmente, a escrita e entrega dos relatórios.

Para além de suas funções, há também o envolvimento com a comunidade e com os desafios que os indígenas enfrentam. Brunna afirma que, principalmente por ser mulher, acompanha a rotina das mulheres, crianças e idosos da comunidade, fazendo com que o envolvimento se volte em grande parte para o fortalecimento desses grupos, como o empoderamento das mulheres indígenas, buscando incentivar as *koxoa* (mulheres

Parakanã) a lutarem por seus direitos e seu espaço dentro da comunidade. As mulheres Parakanã estão inseridas em um contexto de diversas ocorrências de violência contra a mulher, em partes decorrentes do contato de homens Parakanã com substâncias ilícitas e bebidas alcóolicas vindas de cidades e vilas próximas. Nesse contexto, Brunna busca articular as mulheres, como foi feito na Assembleia das Mulheres Parakanã, em 2025, que contou com momentos dedicados a explicar o funcionamento de leis como a Lei Maria da Penha.

A assessora explica que, para além do que é previsto nos cargos, existem grandes laços criados entre os indígenas e os funcionários da AIT. Tais laços fazem com que o trabalho saia do esperado, entrando em um âmbito pessoal. Os funcionários acabam por realizar certas demandas e prestar apoios não previstos em seu cargo, como buscar algum material, se deslocar até alguma loja e enviar as compras aos indígenas. Esses desvios não vêm com uma carga de obrigatoriedade, mas sim por empatia e vínculos. Em suas palavras, os funcionários estão cientes das dificuldades que os indígenas passam no dia a dia, e querem ajudar da melhor forma possível.

Para além do que é previsto no cargo, o que acabamos fazendo não é nem algo relacionado ao trabalho mesmo, mas sim por já ter uma intimidade, uma boa convivência, a gente se sente amigo do povo, próximo do povo e conseqüentemente quer ajudar da melhor forma possível. (Brunna Baroni, 2025, Anexo 1, p. 52)

Em relação aos impactos da Tato'a no território, Brunna afirma que o maior deles foi a consolidação da operação de desintrusão da TI, que trouxe um aumento da visibilidade do povo e o fortalecimento de sua autonomia. Com a presença da AIT, o povo passou a ter uma maior compreensão da importância de sua união. Foi mencionado também o fortalecimento das cadeias produtivas de castanha e cacau. A assessora conta que, a curto prazo, os planos da AIT constituem a consolidação das construções no território, a reforma dos paióis, construção de estufas e da casa de apoio para a associação e para o povo, além do aprimoramento das cadeias produtivas de cacau, castanha e cumaru. Algumas medidas que merecem urgência são melhorias na segurança no território e capacitações, para que o povo atue com maior efetividade na proteção e vigilância territorial. A longo prazo, a AIT visa a recuperação dos mais de 100 mil hectares de floresta amazônica desmatados e o apoio na garantia do usufruto exclusivo do território pelo povo Parakanã. Brunna acredita que garantir um território protegido e a segurança alimentar do povo também sejam prioridades.

No âmbito do funcionamento interno da Tato'a, Brunna relata que, entre os anos de 2023 e 2025, houve um aumento significativo de projetos, que resultou na sobrecarga da equipe. A partir disso, novos funcionários passaram a integrar a associação, mudando as dinâmicas previamente estabelecidas. Anteriormente, apenas o coordenador tinha acesso às contas, aos projetos e ao dinheiro, enquanto a assessoria técnica apenas executava as atividades demandadas, com pouca abertura para tomada de decisões. A estrutura atual conta com a presidente, a vice, o tesoureiro e o secretário – cargos ocupados por indígenas. Há ainda o coordenador, Paulo Bull, a assessora técnica, Brunna Baroni, e os demais funcionários que ingressaram em 2025.

A entrevista de Brunna trouxe à pesquisa uma perspectiva intimista, com as visões de uma assessora que há anos acompanha os indígenas Parakanã da Apyterewa e as transformações institucionais da Associação Indígena Tato'a. A partir da articulação entre memória institucional e experiência prática, a entrevista permite observar como as ações da Tato'a se constroem no cotidiano. A importância do depoimento de Brunna vem da complementação das informações obtidas por meio de documentos oficiais, ao oferecer um olhar situado, sensível e contínuo sobre a relação entre a associação e os Parakanã.

4 Relações interétnicas, mediação e percepções indígenas

A presente seção desloca o foco da análise das estruturas institucionais e dos arranjos formais de mediação, discutidos anteriormente, para as experiências vividas e as percepções dos próprios Parakanã acerca de suas relações com os *toria* e com a Associação Indígena Tato'a. Com base em observação participante realizada durante a Assembleia Geral do Povo Parakanã de 2025 e em entrevistas semiestruturadas conduzidas no mesmo contexto, a seção busca compreender como os indígenas avaliam a atuação da associação, os efeitos de seus projetos no cotidiano das aldeias e as formas de proximidade, confiança ou distanciamento estabelecidas com os não indígenas que atuam no território. Ao articular relato etnográfico e análise de conteúdo, a seção privilegia a perspectiva indígena, sem perder de vista as assimetrias e tensões que atravessam as relações interétnicas contemporâneas na Terra Indígena Apyterewa.

4.1 A Assembleia Geral do Povo Parakanã como espaço etnográfico

A Assembleia Geral do Povo Parakanã de 2025 ocorreu entre os dias 10 e 12 de dezembro, na aldeia Apyterewa, situada na Terra Indígena Apyterewa. A participação nesse evento constituiu um momento central do trabalho de campo desta pesquisa, tanto pela concentração de lideranças e moradores de diferentes aldeias quanto pela possibilidade de observação direta das dinâmicas de organização política, mediação institucional e interação entre indígenas e não indígenas. Em razão da natureza etnográfica dessa experiência, a escrita desta seção adota a primeira pessoa como recurso metodológico, explicitando a posição da pesquisadora no campo e as condições concretas de produção dos dados.

A viagem teve início no dia 3 de dezembro, com deslocamento até a cidade de Altamira, onde está localizada a sede administrativa da Associação Indígena Tato'a. A sede funciona em uma residência adaptada para atividades institucionais, equipada com salas de trabalho, computadores, mobiliário de escritório e espaços destinados a reuniões. No local também são expostos e comercializados artesanatos produzidos por mulheres Parakanã, como cestos, colares, brincos e redes, reunidos sob a marca Kania. Essa sobreposição entre espaço administrativo e espaço de circulação de bens culturais evidencia, de forma concreta, a articulação entre gestão institucional, produção econômica e valorização cultural promovida pela associação.

Nos dias que antecederam a Assembleia, permaneci na sede da AIT em atividades presenciais, acompanhando rotinas administrativas, elaboração de relatórios de projetos e organização de documentos financeiros. Esse período permitiu observar o funcionamento cotidiano da associação, bem como o caráter híbrido do trabalho, que combina presença física e atividades remotas, facilitadas pelo uso de tecnologias digitais. Também foi um momento de contato direto com integrantes da equipe com os quais, até então, a interação havia ocorrido exclusivamente por meios virtuais.

O deslocamento até a Terra Indígena Apyterewa ocorreu por via fluvial, em embarcação do tipo voadeira, utilizada cotidianamente pelos Parakanã e pelas equipes técnicas que circulam entre as aldeias. A embarcação contava com o motorista, um cozinheiro, um ajudante, uma família indígena – dois adultos, uma criança e uma adolescente –, outra criança indígena, sob os cuidados da família, e três funcionários da AIT – o gestor de projetos, o técnico e a gerente financeira. A viagem durou aproximadamente dois dias, com pernoite em uma ilha do rio Xingu, onde reside um ribeirinho conhecido do grupo. A partir da viagem já foi possível perceber a complexa rede de relações que se estabelece no território e em suas imediações, envolvendo indígenas, ribeirinhos e agentes institucionais em trajetos compartilhados. É nítido que a execução do trabalho de assessores e outros agentes indigenistas depende diretamente dessa rede de relações, que abrange também outros trabalhadores de áreas como saúde e educação indígena, o que será demonstrado nos próximos parágrafos.

A chegada à aldeia Apyterewa foi marcada por um acolhimento imediato, especialmente por parte das crianças, que participaram ativamente do transporte de bagagens e da recepção da equipe. A instalação dos participantes da Assembleia ocorreu em estruturas já existentes na aldeia, incluindo a casa utilizada pela equipe de saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), e as salas de aula da escola. Durante o evento, houve uma ajuda mútua explícita entre os diferentes órgãos indigenistas presentes, principalmente por parte da equipe de enfermeiros e professores, que estão habituados com a vida na aldeia. Essas relações foram interessantes para compreender a convivência cotidiana entre diferentes frentes de atuação do Estado no território indígena.

Nos dias que antecederam o início formal da Assembleia, as atividades concentraram-se na organização dos espaços de reunião, da cozinha coletiva e dos alojamentos, além da preparação logística para receber indígenas provenientes de diversas aldeias. Durante esse período, foi possível observar práticas de sociabilidade e hospitalidade, como a oferta de pinturas corporais com jenipapo e carvão às pessoas que

chegavam à aldeia, gesto que marca simbolicamente a integração temporária ao espaço coletivo da assembleia.

A Assembleia teve início no dia 10 de dezembro, logo após o café da manhã, com a apresentação dos representantes da Diretoria, do Conselho Parakanã e das lideranças (caciques) de cada aldeia, seguido da apresentação da programação da Assembleia. Nesse primeiro momento, foram estabelecidos acordos de convivência para os dias de reunião. A reunião seguiu com a abertura do microfone para qualquer indígena que desejasse expressar sua opinião em relação à gestão atual da AIT. O trabalho dos assessores foi elogiado, porém houve um debate relativamente extenso relacionado ao mandato presidencial de Wenatoa Parakanã. As opiniões específicas dos indígenas sobre a presidente nesta seção configuram um material sensível e confidencial, confiado apenas entre eles e a Associação. As mulheres permaneceram sentadas ao fundo, acompanhadas pelas crianças, e, até então, nenhuma havia se manifestado. Em determinado momento, duas delas solicitaram a palavra, afirmando falar em nome das mulheres Parakanã. As intervenções abordaram questões relacionadas à violência doméstica e ao uso de substâncias. A partir dessas falas, diversas *koxoa* se pronunciaram em apoio à presidente Wenatoa, destacando que foi somente durante o atual mandato que passaram a existir projetos direcionados especificamente às mulheres Parakanã. Todo o período da manhã foi dedicado à avaliação por parte dos indígenas em relação ao trabalho da AIT, que expressaram suas satisfações e descontentamentos livremente, demonstrando seu papel na tomada de decisão. Muitas vezes, são os *toria* que decidem questões burocráticas relacionadas à execução de projetos, destinação de verba, e outros assuntos cruciais, porém, são os indígenas que decidem se os *toria* estão aptos para o trabalho, tendo liberdade para, se julgarem necessário, retirar um funcionário de seu cargo.

Figura 2 - indígenas Parakanã assistindo à reunião na Assembleia Geral do Povo Parakanã



Fonte: fotografia por Bruno Perez, 2025

Após o almoço, a reunião foi destinada ao balanço do Plano de Reocupação Pós-desintrusão da TI Apyterewa. Aqui, o debate se deu entre os próprios indígenas, que decidiram novas medidas entre si. O assessor Paulo Bull os informou sobre os riscos de retrocesso na desintrusão e reocupação da TI, em virtude de decisões judiciais recentes. Os indígenas demonstraram seu descontentamento e repúdio em relação à Lei do Marco Temporal, e discutiram os caminhos a seguir para proteger seu território.

Posteriormente, realizou-se a apresentação da prestação de contas da Associação Indígena Tato'a aos Parakanã. Em um telão, foram detalhados os projetos executados ao longo do ano, em conjunto aos gastos e investimentos realizados, organizados em categorias como alimentação, combustível, bolsas e custos operacionais. A exposição pública dessas informações foi acompanhada da disponibilidade da equipe financeira para esclarecer dúvidas. Tal transparência em relação ao *tamatare* (dinheiro) compõe uma das esferas mais importantes e sensíveis em uma associação indígena, necessária para que se mantenha a confiança entre os indígenas e os *toria*. A *accountability*, portanto, é um princípio de legitimidade da associação perante o coletivo. Seguindo para o próximo tópico, os assessores responsáveis apresentaram os desafios e resultados alcançados na

execução do Plano Básico Ambiental do Componente Indígena (PBA-CI) da UHE Belo Monte. O povo Parakanã aprovou em consenso a prestação de contas, sem considerações sobre as informações apresentadas.

O segundo dia de assembleia foi destinado a articulações com os parceiros, contando com falas de representantes da Funai, TNC e MPI. As reuniões foram marcadas por longas discussões, a grande maioria relacionadas à retirada de rebanhos bovinos e à falta de segurança nas áreas desintrusadas, que continuam sofrendo ataques armados. Houve então um momento reservado para o alinhamento interno do povo Parakanã em relação ao seu posicionamento perante as proposições que seriam abordadas ao longo da assembleia. Durante todo o período de assembleia, minha função foi reservada aos registros fotográficos e listas de presença, além do apoio geral, sempre que necessário.

Figura 3 - Pesquisadora em campo de atuação



Fonte: fotografia por Bruno Perez, 2025

Novas organizações parceiras chegaram à aldeia no dia 11, como os representantes da emissora TV Brasil – EBC e representantes da empresa Systemica. A presidente Wenatoa Parakanã, em conjunto de outras lideranças, reiteraram a importância da parceria com a Systemica no processo de reocupação das áreas desintrusadas. A empresa apresentou, com o auxílio de tradutores, nova proposta de projeto para o povo. No terceiro dia, o consultor jurídico da AIT realizou a leitura do contrato do novo projeto, que também foi traduzido para a língua parakanã. Após as discussões, a comunidade decidiu por

unanimidade acatar o novo projeto. Houve então uma breve cerimônia de encerramento, com cantos e danças tradicionais.

Paralelamente às atividades da Assembleia, iniciei o contato com possíveis participantes das entrevistas que compõem esta pesquisa. A abordagem ocorreu de maneira informal e respeitosa, a partir de indicações feitas pelos próprios indígenas, o que demonstrou a importância das redes de confiança no contexto do campo. As recusas iniciais, sobretudo por parte de algumas mulheres, e as indicações sucessivas de outras possíveis entrevistadas revelam certas dinâmicas de gênero, timidez e expectativa em relação à pesquisa. Os homens, em sua maioria, não recusaram a participação.

A Assembleia Geral configurou-se, assim, como um espaço privilegiado de observação etnográfica, no qual se articularam dimensões políticas, administrativas e cotidianas da vida Parakanã. Mais do que um evento pontual, a assembleia se apresenta como um momento de condensação das relações entre aldeias, lideranças, associação e agentes externos, permitindo compreender, em situação, como se produzem decisões coletivas, como se constroem consensos e como se negociam tensões no interior do povo Parakanã e em sua relação com os *toria*.

4.2 Procedimentos metodológicos e perfil dos entrevistados

As entrevistas que compõem o material empírico desta seção foram realizadas durante a Assembleia Geral do Povo Parakanã de 2025, na aldeia Apyterewa, no contexto do trabalho de campo descrito anteriormente. Optou-se pela utilização de entrevistas semiestruturadas, por se tratar de um instrumento que permite conciliar um roteiro comum de questões com a flexibilidade necessária para acompanhar os temas e ênfases mobilizados pelos próprios interlocutores.

A participação foi voluntária, e todas as entrevistas foram gravadas mediante consentimento dos participantes. Posteriormente, os áudios foram transcritos integralmente e tratados de modo a preservar o conteúdo das falas, com a retirada apenas de ruídos, repetições excessivas e vícios de linguagem que comprometessem a clareza do texto. Para garantir o anonimato, os entrevistados foram identificados por códigos alfanuméricos (P1, P2, P3, P4 e P5), sendo a letra “P” referente a “Parakanã”.

Foram realizadas cinco entrevistas com indígenas residentes em diferentes aldeias da Terra Indígena Apyterewa, abrangendo homens e mulheres, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil sociodemográfico dos entrevistados

ENTREVISTADO	IDADE	GÊNERO	ALDEIA
P1	33	Masculino	Kato
P2	24	Masculino	Maracá
P3	26	Feminino	Itapema
P4	Não informado	Feminino	Xingu
P5	38	Masculino	Paranopiona

Fonte: elaboração própria.

Embora a intenção inicial fosse equilibrar o número de entrevistas entre homens e mulheres, observou-se maior relutância por parte de algumas mulheres em participar, o que resultou em um total de três homens e duas mulheres entrevistadas. Esse dado, longe de ser tratado como uma limitação meramente técnica, é compreendido como parte das dinâmicas de gênero e das expectativas em torno da pesquisa no contexto da assembleia, aspecto considerado na interpretação dos resultados.

O roteiro de entrevistas foi composto por oito questões centrais, aplicadas a todos os participantes, abordando: (I) identificação pessoal e aldeia de origem; (II) compreensão sobre a Associação Indígena Tato'a e suas funções; (III) participação em projetos ou atividades da associação; (IV) percepções sobre mudanças ocorridas após a criação da AIT; (V) avaliação dos impactos concretos da atuação da associação nas aldeias; (VI) avaliação geral do trabalho da AIT; (VII) expectativas de melhoria; e (VIII) percepções sobre os *toria* que atuam na associação.

Após a transcrição, o material foi submetido à análise de conteúdo, seguindo procedimentos inspirados em Bardin, conforme discutido na seção metodológica deste trabalho. As falas foram codificadas e agrupadas em categorias analíticas previamente definidas, ajustadas de forma flexível ao longo do processo de leitura e interpretação. As categorias utilizadas foram: “experiência de participação”, “compreensão da AIT”, “consequências e avaliação do trabalho da AIT”, “Satisfação e expectativas de melhora sobre a AIT” e “avaliação do trabalho e relação com os *toria*”.

Quadro 2 - Categorias analíticas e incidência nas entrevistas

Categoria	Código	Relatado por
Experiência de participação	Experiência de trabalho/curso positiva	P1, P2, P4
	Experiência de trabalho/curso neutra	P1, P2, P3, P4, P5
	Experiência de trabalho/curso negativa	P3
Compreensão da AIT	Compreensão realista ou parcial	P1, P2, P3, P4
	Incerteza	P5
Consequências e avaliação do trabalho da AIT	Consequência/ avaliação positiva	P1, P2, P3, P4, P5
	Consequência/ avaliação negativa	--
Satisfação e expectativas de melhora sobre a AIT	Expectativa de melhora	P1, P2, P3, P4
	Satisfação completa	P5
Avaliação do trabalho e relação com os <i>toria</i>	Avaliação positiva T	P1, P3, P4, P5
	Avaliação negativa T	P2

Fonte: elaboração própria.

A análise apresentada nas subseções seguintes organiza-se a partir dessas categorias, buscando identificar padrões recorrentes, convergências e tensões nas percepções indígenas sobre a Associação Indígena Tato'a e sobre as relações estabelecidas com os não indígenas que atuam no âmbito da mediação institucional.

4.3 Percepções indígenas sobre a Associação Indígena Tato'a

Nesta subseção, a análise das entrevistas será feita por categoria. A categoria “experiência de participação” aparece de forma recorrente em todas as entrevistas, indicando que os interlocutores mantêm algum grau de envolvimento com as atividades da associação, seja por meio da participação em cursos, projetos, cargos temporários ou ações pontuais. As experiências relatadas como positivas (P1, P2 e P4) estão associadas, sobretudo, a iniciativas de capacitação e oportunidades de aprendizado, mesmo que

configurem, em unanimidade, experiências consideravelmente desafiadoras. A única experiência avaliada negativamente (P3) refere-se à necessidade de saída do território para trabalhar na sede da associação, em Altamira, e a necessidade de adequação aos modos de vida na cidade. Há, portanto, uma ausência de relatos negativos relacionados à postura da AIT perante a participação indígena em diversas posições, o que reflete a integração entre *toria* e indígena no espaço de trabalho e aprendizado. Mesmo ocupando posições diferentes, parte da função dos assessores e funcionários é garantir aos indígenas as ferramentas para que possam atuar com equidade dentro da associação.

No que diz respeito à “compreensão da AIT”, a maioria dos entrevistados demonstrou possuir uma noção considerada realista ou parcialmente elaborada sobre o papel da associação. A *Tato’a* é entendida como a entidade que surge a partir da organização do povo Parakanã. Aqui, ela aparece como quem traz os parceiros e resolve problemas (P1), como resistência e proteção do território (P3), como organização jurídica (P5), e como um “corpo” que o povo deve caminhar em conjunto (P2). Destoando das demais respostas, P4 afirma que a “*Tato’a* é o povo Parakanã”, pois quem tem a decisão final é o povo. Embora não abarque a totalidade dos procedimentos técnicos e administrativos envolvidos, a compreensão dos entrevistados demonstra uma leitura funcional da associação, centrada em seus efeitos concretos no cotidiano. A diversidade de respostas, em conjunto com a presença de incerteza em uma das entrevistas (P5), sugere que a compreensão da AIT não é homogênea entre os Parakanã. Essa compreensão varia de acordo com a proximidade do indivíduo com as atividades institucionais, que afeta diretamente o acesso à informação disponível.

A categoria “Consequências e avaliação do trabalho da AIT” busca abranger tanto as mudanças promovidas para a comunidade quanto a satisfação dos indígenas com a AIT em si. Não foram relatadas consequências negativas ou insatisfações em relação à associação, todos os entrevistados avaliaram positivamente e destacaram melhorias na qualidade de vida em geral. Entre as melhorias relatadas, destacam-se a atração de novos parceiros e oportunidades de trabalho (P1); a aquisição de bens como motos e quadriciclos, que aumentam a autonomia do povo (P2); o aumento da venda dos artesanatos produzidos pelas mulheres (P3); a retirada dos invasores e demarcação do território (P3; P4); a capacitação dos jovens e maior liberdade de expressão para as mulheres (P4). É citado também como o intermédio da *Tato’a* entre o povo e outros órgãos facilita a continuidade de projetos e o bem-estar desses relacionamentos (P5). Percebe-se a grande amplitude de campos que a *Tato’a* é capaz de alcançar com o trabalho que é feito

atualmente, passando por questões objetivas e materiais – como renda e bens materiais – , até subjetividades igualmente relevantes para o povo – como autonomia e fortalecimento da presença feminina na tomada de decisões. P4 destaca ainda a ajuda mútua que se estabelece entre a AIT e os Parakanã: “É muito com o trabalho da Tato’a. Ele sempre ajuda a gente, e a gente sempre ajuda ele.”.

Na categoria “Satisfação e expectativas de melhora sobre a AIT”, observa-se um movimento importante: embora a avaliação geral da AIT seja positiva, apenas um dos entrevistados expressou satisfação plena (P5). e expectativas de melhoria”, observa-se um movimento importante: embora a avaliação geral da AIT seja positiva, nenhum dos entrevistados expressou satisfação plena. As expectativas de melhoria aparecem de forma recorrente, indicando que a associação é percebida como um organismo em construção, sujeito a aprimoramentos e ajustes. Essas expectativas não se configuram como críticas estruturais, mas como demandas por maior alcance, mais projetos, melhor comunicação e ampliação dos benefícios às aldeias. Tal postura sugere que a AIT é reconhecida como espaço legítimo de ação coletiva, ao qual se atribui responsabilidade e do qual se espera continuidade e crescimento.

Finalmente, em “Avaliação do trabalho e relação com os *toria*”, temos respostas de grande relevância para a pesquisa. Todos os entrevistados avaliam o trabalho dos funcionários não-indígenas da AIT como positivo, abrangendo a gestão e a assessoria. Entretanto, na entrevista de P2 são relatadas várias avaliações negativas a respeito do trabalho de outros *toria*, funcionários de organizações e órgãos parceiros. As críticas vêm em grande parte pela falta de comprometimento e transparência por parte dos *toria*, além do excesso de processos burocráticos envolvidos nos projetos e políticas indigenistas. O entrevistado relata casos de corrupção, quando não-indígenas não cumprem os acordos de projetos alegando que as inovações previstas não deveriam ser inseridas na cultura indígena. Quando perguntado sobre quais seriam as motivações dos *toria*, P2 afirmou que: “Porque eu acho que lucra mais pra eles, tem muito recurso e eu acho que é isso que eles querem, continuar sempre assim (...). Sempre como se fosse 500 anos atrás que a gente tem que viver”. (P2, 2025, p. 63)

O relato de P5 em relação aos *toria* dialoga diretamente com os textos de João Pacheco de Oliveira. O processo de territorialização se configura na formulação de uma identidade própria e reestruturação da identidade cultural de um povo, tendo como agente ativo tanto os indígenas quanto os não-indígenas. Entretanto, o autor menciona o uso da territorialização como mecanismo anti-assimilacionista, ou seja, quando órgãos

indigenistas tentam criar condições para a afirmação de uma cultura diferenciadora, como um tipo de paternalismo (Oliveira, 1998). Tal ação descredibiliza e remove a autonomia do povo sobre o uso de sua própria cultura.

De modo geral, as percepções indígenas acerca da Associação Indígena Tato'a apontam para uma relação marcada por reconhecimento, engajamento e expectativas. A associação é compreendida como uma construção coletiva, inserida em um campo de mediações complexas, atravessado por limites institucionais, pressões externas e desigualdades estruturais. As falas indicam que a AIT ocupa posição central na reorganização política contemporânea dos Parakanã, atuando como instrumento de interlocução com o Estado e com parceiros externos, sem suprimir as tensões próprias desse processo.

Nesse sentido, a Associação Indígena Tato'a é compreendida como uma forma específica de reorganização política indígena, situada em um contexto de conflito territorial permanente, e não apenas como um instrumento de caráter administrativo ou técnico. Ao ampliar a capacidade de interlocução dos Parakanã com o Estado e com organizações externas, a associação constitui também um espaço de expectativas, disputas e avaliações internas. Esse processo indica que a mediação institucional não suprime as tensões interétnicas, mas as reconfigura. É a partir dessa ambivalência, entre fortalecimento político e limites da mediação, que se torna possível compreender de maneira mais precisa as relações entre os Parakanã e os *toria* no contexto contemporâneo da Terra Indígena Apyterewa.

5. Considerações finais

Esta monografia teve como objetivo analisar as relações estabelecidas entre o povo Parakanã, em especial os grupos residentes na Terra Indígena Apyterewa, e a Associação Indígena Tato'a, tomando como eixo central as formas contemporâneas de mediação institucional e as percepções indígenas acerca dessa atuação. Partindo de uma abordagem etnográfica, ancorada em observação participante e entrevistas semiestruturadas, o trabalho buscou compreender como a associação é significada pelos próprios Parakanã, bem como os efeitos concretos e simbólicos de sua presença no cotidiano das aldeias.

A reconstrução histórica da trajetória dos Parakanã Ocidentais foi de suma importância para compreender como se formaram as relações desse grupo com o Estado e seus agentes. Em um contexto de inúmeras invasões, conflitos, deslocamentos forçados e disputas territoriais, a relação com os *toria* seria, inevitavelmente, intermediada por grande desconfiança. A criação da Associação Indígena Tato'a foi, sobretudo, uma resposta política necessária para a sobrevivência do povo Parakanã, que encontrava uma nova necessidade de interlocução com múltiplas instâncias institucionais. Longe de representar uma ruptura com os modos indígenas de organização, a associação emerge como uma forma situada de reorganização política, articulada às condições impostas pelo campo indigenista contemporâneo.

O número reduzido de entrevistados impede que a pesquisa ofereça conclusões generalizadas sobre o povo Parakanã. Entretanto, a análise das entrevistas evidencia o reconhecimento da AIT como uma instância legítima de representação e mediação, associada à diversas esferas, materiais e simbólicas. Em complementaridade, há a unanimidade de respostas positivas ao trabalho que a AIT vem realizando, mesmo que atravessadas por expectativas e assimetrias de compreensão quanto às suas funções e limites. A ausência de relatos de consequências negativas diretas não elimina as tensões presentes, mas indica que estas se expressam mais como demandas por aprimoramento do que como rejeição à instituição.

No que se refere às relações com os *toria*, os dados evidenciam uma ambivalência característica dos contextos de fricção interétnica. Os não-indígenas que atuam na associação são percebidos, em geral, como mediadores necessários, capazes de viabilizar projetos, acessar recursos e traduzir demandas indígenas em linguagem institucional. Ao

mesmo tempo, essas relações não são homogêneas nem isentas de crítica, variando conforme a proximidade, a confiança construída e as experiências individuais. Essa mediação institucional tem a capacidade de reorganizar as estruturas culturais do povo, produzindo novos arranjos, expectativas e conflitos.

A luta pelo território e os ataques que ainda ocorrem na TI Apyterewa foram tópicos recorrentes durante as entrevistas. O contexto em que surgiram foi, principalmente, o do papel da AIT no processo de desintrusão. Essa constante evidencia que a proteção territorial segue como principal preocupação dos indígenas, e a importância de uma unidade organizacional no contexto de insegurança constante em que os Parakanã estão inseridos.

À luz dos aportes teóricos de Roberto Cardoso de Oliveira e João Pacheco de Oliveira, o caso dos Parakanã permite compreender a territorialização como um processo dinâmico, continuamente atualizado a partir das relações entre indígenas, Estado e outros agentes externos. A Associação Indígena Tato'a pode ser entendida, nesse sentido, como um dos dispositivos centrais dessa territorialização contemporânea no caso Parakanã, funcionando como ferramenta, tanto para o Estado quanto para os indígenas. A instrumentalização da AIT pelo Estado ocorre no sentido da facilitação de manejo de um território em situação delicada. Além disso, o Estado se beneficia ainda da intermediação de diálogo com um povo de recente contato e que, historicamente, construiu uma relação de desconfiança com órgãos indigenistas.

No tocante à dinâmica que se estabeleceu entre o povo Parakanã e a Associação Indígena Tato'a, é seguro dizer que transcende a simples assistência que se espera para com uma comunidade. Os parakanã hoje encontram na AIT o espaço de protagonismo e autonomia que lhes cabe na busca por resistência e organização, instrumentalizando-a com base em seus próprios interesses. E não somente para fins processuais e profissionais, mas também em aspectos sociais e afetivos, há espaço para a troca e para as críticas aos não-indígenas da equipe da AIT.

Por fim, este trabalho não pretende oferecer conclusões fechadas ou definitivas sobre a atuação da AIT ou sobre as relações entre Parakanã e *toria*. Ao contrário, busca contribuir para a compreensão das formas pelas quais os povos indígenas constroem estratégias próprias de organização e representação em contextos adversos, apropriando-se de instrumentos institucionais sem que isso implique a perda de sua agência ou de sua perspectiva própria sobre o mundo. Ao privilegiar a voz dos Parakanã, a pesquisa reforça

a importância de análises que reconheçam a complexidade e a historicidade das relações interétnicas no Brasil contemporâneo.

Figura 4 - Pesquisadora em campo de atuação



Fonte: fotografia por Bruno Perez, 2025

Referências

ALESSI, Gil. **Gado criado ilegalmente em terra indígena no Pará abastece JBS e Frigol**. 2022. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2022/09/gado-criado-ilegalmente-em-terra-indigena-no-para-abastece-jbs-e-frigol/>. Acesso em: 28 dez. 2025.

ARAUJO, Rodrigo Wienskowski. **Awaeté, o povo de verdade: a transformação da territorialidade indígena parakanã**. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Associação Indígena Tato'a. **Contextualização do povo Parakanã, da TI Apyterewa e da Associação Indígena Tato'a**. [s.d.]. Documento interno da Associação Indígena Tato'a. Não publicado. Acesso restrito. Disponível no acervo institucional da AIT.

Associação Indígena Tato'a. **Ata da Assembleia das Mulheres**. 2025. Documento interno. Circulação restrita. Não publicado. Assembleia realizada na Aldeia Apyterewa, em setembro de 2025. Arquivo institucional da Associação Indígena Tato'a.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 5 jan. 2026.

CARNEIRO, Taymã. **Terra Apyterewa (PA): indígenas Parakanã sofrem 5º ataque a tiros em 6 meses; entenda conflito com invasores**. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/05/14/terra-apyterewa-pa-indigenas-parakana-sofrem-5o-ataque-a-tiros-em-6-meses-entenda-conflito-com-invasores.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2025.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis: História, Guerra e Xamanismo na Amazônia**. São Paulo: Edusp, 2001. 587p.

FAUSTO, Carlos. **Parakanã**. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Parakan%C3%A3>. Acesso em: 4 jan. 2025.

FAUSTO, Carlos. **Como se fez guerra na terra indígena mais desmatada do Brasil**. 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/como-se-fez-guerra-na-terra-indigena-mais-desmatada-do-brasil/>. Acesso em: 4 jan. 2025.

IBAMA. **Ataque às equipes que atuam na desintrusão da TI Apyterewa**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/notas/2025/ataque-as-equipes-que-atuam-na-desintrusao-da-ti-apyterewa>. Acesso em: 5 jan. 2026.

ISA. **Terra Indígena Apyterewa**. 2025. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3585>. Acesso em: 28 dez. 2025.

MAGALHÃES, Antonio Carlos. Os Parakanã e os akwawa em Paranatin. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia**, v.7, n.º.2, p. 181-207, 1991. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/items/14e07212-634d-4e85-9403-2b447387d8ed>. Acesso em: 4 jan. 2026.

MAPA CULTURAL DO PARÁ. **Associação Indígena Tato'a**. [s.d.]. Disponível em: <https://mapacultural.pa.gov.br/agente/57363/#info>. Acesso em: 28 dez. 2025.

Ministério dos Povos Indígenas. **Governo Federal faz devolução histórica da Terra Indígena Apyterewa para usufruto exclusivo do povo Parakanã**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/03/governo-federal-faz-devolucao-historica-da-terra-indigena-apyterewa-para-usufruto-exclusivo-do-povo-parakana>. Acesso em: 28 dez. 2025.

Ministério dos Povos Indígenas. **MPI avança no processo de pós-desintrusão da Terra Indígena Apyterewa**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2025/10-1/mpi-avanca-no-processo-de-pos-desintrusao-da-terra-indigena-apyterewa>. Acesso em: 28 dez. 2025.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Áreas de fricção interétnica na Amazônia. *In: Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*. 1967. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, v. 2, p. 187–193.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de; Faria, Luiz de Castro. O contacto interétnico e o estudo de populações. **Revista de Antropologia**, v. 17 – 20, p. 31 – 48, 1972. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:oliveira-1972-contacto>. Acesso em: 04/01/2025

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, v. 4, n. 1, p. 47–77, abr. 1998.

RAMALHO, José Ricardo (Ed.). Povos indígenas na região norte. *In: Povos Indígenas no Brasil, 1980*. Rio de Janeiro: CEDI, 1981. p. 13. Série Aconteceu Especial, 6. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/i4100033.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil/83*. São Paulo: CEDI, 1984. p. 125. Série Aconteceu Especial, 14. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/i4100036.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil/1984*. São Paulo: CEDI, 1985. p. 166–169. Série Aconteceu Especial, 15. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/i4100027.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In*: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil, 1991/1995**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996. p. 436–438. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-1991-1995>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In*: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil 1996/2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996. p. 501–526. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-1996-2000>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In*: RICARDO, Carlos Alberto; RICARDO, Fany Pantaleoni (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil 2001/2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. p. 532–534. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2001-2005>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In*: RICARDO, Carlos Alberto; RICARDO, Fany Pantaleoni (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil 2006/2010**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. p. 478–491. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2006-2010>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In*: RICARDO, Carlos Alberto; RICARDO, Fany Pantaleoni (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil 2011/2016**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017. p. 471–506. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2011-2016>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RICARDO, Carlos Alberto. Sudeste do Pará. *In*: RICARDO, Fany Pantaleoni (Ed.); KLEIN; Tatiane (Ed.); SANTOS, Tiago Moreira dos (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil 2017/2022**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2023. P. 491–597. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2017-2022-2a-ed>. Acesso em: 26 dez. 2025.

Apêndices

Apêndice 1 – Entrevista com a assessora Brunna Baroni

Pesquisadora: Primeiro, precisava saber se você prefere que seja anônima a entrevista ou eu posso colocar o seu nome. Também se você puder falar por áudio que concorda ser gravada. Eu preciso para o registro. E bora lá para a primeira pergunta. Eu queria saber o seu papel na Tato'a. Então, o nome técnico do seu cargo e o que você faz na Tato'a, quais são as suas funções, o que você faz para além das suas funções, se você vai a campo, como é o trabalho de campo, esse tipo de coisa. Tudo que engloba o seu serviço dentro da Tato'a.

Entrevistado: Oi, eu me chamo Brunna Baroni e eu concordo ter a minha entrevista gravada para ser utilizada no projeto de TCC da Sofia Daniel. O meu cargo dentro da Associação Indígena Tato'a é de assessoria técnica. As funções que eu executo estão relacionadas à execução dos projetos que a Tato'a tem contrato. Então, eu escrevo projetos, ajudo na escrita de projetos, também executo as atividades que estão previstas dentro desses projetos. Aí tem vários projetos, inúmeras atividades, atividades de proteção, de formação, temos atividades de realização de expedição, também atividades voltadas para o fortalecimento das cadeias da sócio-bioeconomia. Então eu sou a pessoa que olha para essas atividades e planeja como ela vai ser executada, quando, com que público, articula com a comunidade, mobiliza a comunidade para participar, quem vai participar. Se for preciso contratar uma consultoria para executar a atividade, a gente corre atrás também, articula com parceiro, então é muito voltada para a execução das atividades que a Tato'a tem prevista para executar no território. E posteriormente, relatar essas atividades e enviar o relatório para o parceiro. Mas para além disso, a gente sempre se envolve muito com a comunidade. Quem é muito envolvido sabe disso. Para além das execuções de projetos, a gente se envolve também nos problemas que a comunidade acaba tendo. E nosso papel mesmo é correr atrás de apoio e de soluções para muitas das dificuldades e dos desafios que o povo enfrenta dentro do território. A maioria das atividades dos projetos são previstas para serem realizadas no território. Então, sempre estou indo para campo para estar ou acompanhando ou executando uma atividade com o povo Parakanã. E para além do meu trabalho, eu acho que o trabalho de assessoria técnica além dessa execução dos projetos e esse foco mesmo mais voltado para eles, a gente também se envolve muito com o povo e com os desafios que eles enfrentam dentro do território. E a luta deles é a nossa luta. Acho que algo que não tem pra onde a gente correr. Ainda mais no meu caso, sendo mulher, não indígena, entrando num território de povo de recente contato e acompanhando também pouco da rotina das mulheres, das crianças ou os idosos. Então a gente sempre acaba se envolvendo atividades que são fundamentais para também fortalecimento deles, como o próprio empoderamento das mulheres, essa própria valorização e confiança em si mesmo. Acho que a gente aqui dentro da Tato'a promove muito isso, essa busca de sempre estar ali incentivando as mulheres a lutarem pelos direitos delas, a lutarem por espaços dentro da sua comunidade, a bater de frente

mesmo para garantir direito que está previsto para elas. Para além do que é previsto no cargo, o que acabamos fazendo não é nem algo relacionado ao trabalho mesmo, mas sim por já ter uma intimidade, uma boa convivência, a gente se sente amigo do povo, próximo do povo e conseqüentemente quer ajudar da melhor forma possível. Então sempre chegam algumas demandas pessoais de alguns indígenas que nós acabamos absorvendo também. Mas não porque a gente acha que isso seja um dever, um trabalho nosso como assessor técnico, mas sim porque a gente quer dar esse apoio, a gente sabe da dificuldade que é para sair do território, a gente sabe das dificuldades que eles enfrentam lá. Então, tudo que a gente consegue fazer para ajudar aqui para melhorar e para resolver algum problema, desafio que eles estejam enfrentando, a gente acaba fazendo, né? Coisas pessoais, apoiando para buscar algum material, para receber algum material aqui ou então para ir alguma loja comprar alguma coisa que eles estejam precisando e mandar para eles, né? São atividades pequenas que a gente acaba desenvolvendo, mas não porque você acha que seja obrigado a aquilo. Mas sim porque você quer ajudar, entende? E tem vínculo com aquela pessoa. E a gente sempre faz o possível para ajudar o povo. Para oferecer, estender uma mão, conseguir realizar algo que eles estejam precisando e sozinhos não estão conseguindo.

Pesquisadora: Muito obrigada, Brunna. Eu ainda tenho três perguntas pra te fazer. Quais foram os maiores impactos da Tato'a no território?

Entrevistado: O principal impacto da Tato'a e da Wenatoa na TI Apyterewa foi a consolidação da operação de desintrusão na TI, o aumento da visibilidade do povo, fortalecimento da governança do povo Parakanã. Com a atuação mais presente da Tato'a, muitos avanços foram alcançados pelo povo Parakanã e eles entenderam a importância de estarem unidos para alcançar esses benefícios. Além disso, tem o fortalecimento das cadeias produtivas, como castanha e cacau.

Pesquisadora: E como funciona a organização do trabalho na Tato'a?

Entrevistado: A Tato'a, de 2023 a 2025, conseguiu um aumento significativo de projetos, o que sobrecarregou a equipe da organização. A estrutura organizacional conta com a presidente e vice, o tesoureiro e o secretário, depois o coordenador, na figura do Paulo, a assessora técnica, Brunna e os demais colegas que foram entrando em 2025. Mas a princípio, o coordenador tinha acesso as contas, aos projetos e ao dinheiro, a assessoria técnica apenas executava as atividades demandadas, com pouca abertura para tomada de decisão.

Pesquisadora: E por fim, quais são os planos de futuro a curto e longo prazo pra Tato'a?

Entrevistado: A curto prazo, acredito que seja a consolidação das construções no território, a reforma dos paióis, construção de paiol para o cacau, construção de estufas, casa de apoio para a associação e para o povo, e aprimoramento das cadeias produtivas do cacau, castanha, sementes e cumaru. Capacitações para que o povo atue com maior efetividade no território, além de melhorar a segurança dos parakanã e da equipe, no território. A longo prazo, a restauração dos mais 100 mil hectares de floresta desmatados

e apoiar na garantia do usufruto exclusivo do território, pelo povo Parakanã. Acredito que garantir um território protegido e a segurança alimentar do povo também sejam prioridades.

Apêndice 2 – Entrevista com Parakanã 1

Pesquisadora: Você concorda em gravar essa entrevista?

Entrevistado: Sim, pode ser. Sim.

Pesquisadora: Qual é o seu nome, sua aldeia e quantos anos você tem?

Entrevistado: Meu nome é *, eu sou da aldeia Kato, fica no Bom Jardim. Minha idade é de 33 anos.

Pesquisadora: Acho que é isso. Sei que vocês sabem, mas eu tô perguntando só pra deixar gravado. Você conhece a Tato'a? E você sabe pra que ela serve?

Entrevistado: Eu já trabalhei uma vez com a diretoria da associação Tato'a. Trabalhei acho que três anos como tesoureiro. Tato'a para nós hoje é uma associação que está apoiando nós, todo o povo Parakanã, e está trazendo muitos parceiros no nosso território, resolvendo muitos problemas também, como da nossa terra. É importante para nós porque Tato'a hoje está se tornando como uma empresa, está trabalhando. E pelo Tato'a a gente está vendo o povo Parakanã conhecer mais outros governos que estão vindo, outros órgãos, estar se interessando em conhecer como é a Tato'a do povo Parakanã.

Pesquisadora: E como foi trabalhar como tesoureiro?

Entrevistado: Rapaz foi muito desafio, mas consegui trabalhar esse ano com tesoureiro. O primeiro assessor era o João Paulo né, foi muito bom trabalhar, aprendi vários trabalhando como tesoureiro, fazer prestação de conta, essas coisas.

Pesquisadora: É difícil né? Eu sou péssima nessas coisas. E você ficou quanto tempo trabalhando?

Entrevistado: Rapaz, foi quatro anos que trabalhei dentro do Tato'a.

Pesquisadora: Caramba, muito tempo! E parou por quê?

Entrevistado: Eu decidi sair do Tato'a porque eu estou trabalhando na educação. É muito bom ser professor, aprender. No mesmo tempo eu aprendo com meus alunos e eles aprendendo comigo.

Pesquisadora: Você dá aula aqui na escola?

Entrevistado: Eu dou aula lá na minha aldeia.

Pesquisadora: Qual é sua aldeia mesmo?

Entrevistado: Kato.

Pesquisadora: Eu conheço as aldeias de nomes só, porque faço planilha, essas coisas.

Entrevistado: Nossa aldeia fica lá no igarapé.

Pesquisadora: É longe né? Quanto tempo de viagem?

Entrevistado: Rapaz de moto a gente daqui até Paranopiona (aldeia) quase uma hora. Daqui da Apyterewa (aldeia), passando Paranopiona aí vai.

Pesquisadora: E de moto é... difícil viajar.

Entrevistado: Estrada ruim, muita lama.

Pesquisadora: É pelo meio do mato mesmo a estrada né?

Entrevistado: É, aqui ó (aponta o caminho). O igarapé esse tempo agora ta enchendo pouco, ta muito seco.

Pesquisadora: E pra você, desde que a Tato'a apareceu, o que mudou?

Entrevistado: Pra mim a Tato'a agora está mudado porque melhorou muitas coisas. No ano que a gente ficou, era pouco difícil, mas hoje Tato'a está melhorando cada vez mais e está trabalhando bem. Com todas essas diretorias que estão agora.

Pesquisadora: Tem alguma coisa que você ou a aldeia precisava antes, não tinha agora com a Tato'a, conseguiram?

Entrevistado: Sim, agora a Tato'a está conseguindo... outra empresa trazendo para fazer trabalho no nosso território. Primeiro, quando a gente trabalhava, não tinha, porque era muita dificuldade, a gente não conseguia trabalhar direito, porque era muita dificuldade. Agora hoje, hoje está muito melhor.

Pesquisadora: mais trabalho...

Entrevistado: mais trabalho, tem vários parceiros que a gente tem agora.

Pesquisadora: Entendi. Você é professor, mas não é por projeto da Tato'a, né?

Entrevistado: Não, não, é pela educação

Pesquisadora: Pela educação mesmo. Entendi. Você conhece alguém que trabalha com parceiro da Tato'a assim? Alguém que conseguiu um trabalho depois que a tatuagem apareceu?

Entrevistado: Tem vários, tem, mas assim, só a diretoria que trabalha dentro do Tato'a, né? Trabalho mesmo assim como a gente está não, ainda não.

Pesquisadora: Entendi. O que você acha do trabalho da Tato'a?

Entrevistado: Rapaz, pra mim tá trabalhando bem, né? Trabalhando, mostrando o trabalho dele, a diretoria, o assessor, a presidência, né.

Pesquisadora: Você acha que tem alguma coisa que dá pra melhorar?

Entrevistado: Eu acho que sim, rapaz, pra mim, acho que tem que melhorar mais ainda. É muito mais tem que melhorar, porque está indo bem. Eu não posso falar nada porque eles estão trabalhando bem, né?

Pesquisadora: Mas se tivesse que falar uma coisa assim, para melhorar a Tato'a, o que seria? Nada. Nada?

Entrevistado: Nada não. É porque eu vejo trabalho deles, tá indo bem.

Pesquisadora: Que bom. E você conhece os Toria que trabalha na Tato'a? O que você acha do trabalho deles?

Entrevistado: Do Toria que trabalha, como Tato'a, como assessor Paulo, ele está trabalhando muito bem, é bem gente boa, ele é assessor, ele é o advogado, ele está indo muito bem.

Pesquisadora: Você conhece a Brunna, o Jordan...

Entrevistado: Rapaz Brunna, falar de Brunna, eu conheço ela, assim ela trabalha mais com as mulheres, né?

Pesquisadora: É. Você acha que os Toria estão indo bem?

Entrevistado: Sim, para mim, de vista, eu vejo eles estar trabalhando bem.

Pesquisadora: Você tem uma boa relação com o Paulo?

Entrevistado: Paulo é meu grande amigo.

Pesquisadora: Ele é muito gente boa mesmo, eu gosto muito dele. É isso, rapidinho né? Vou encerrar aqui.

Apêndice 3 – Entrevista com Parakanã 2

Pesquisadora: Você concorda ser gravado?

Entrevistado: Concordo.

Pesquisadora: Você pode falar seu nome, sua aldeia e quantos anos você tem?

Entrevistado: Meu nome é *, eu vim da Terra Indígena Apyterewa e sou indígena.

Pesquisadora: Quantos anos você tem?

Entrevistado: Tenho 24 anos.

Pesquisadora: A gente sabe que vocês sabem, mas também é só para o registro. Para você, o que é Tato'a? Você sabe o que ela é, para que ela serve?

Entrevistado: Tato'a é uma organização do povo indígena Parakanã, é uma organização judicial que constrói as parcerias, tem organização, tem planejamento. Lutar pelo território, que a associação pra gente é corpo que a gente tem que caminhar com ela, ter parceria, buscar parceria sempre, ter uma organização forte dentro do instituto. é isso, que a Tato'a é uma organização.

Pesquisadora: Certo. Resposta completíssima. inclusive esqueci de falar, mas a entrevista é anônima. Essa entrevista não é para Tato'a, é para o meu trabalho de faculdade. nada do que você falar aqui vai ser...

Entrevistado: Não, tranquilo, eu sei, você tá fazendo pesquisa.

Pesquisadora: É só pra ficar à vontade. Você já participou de algum projeto da Tato'a?

Entrevistado: Cara, eu participei. Eu só fiz curso, na verdade, curso de agentes ambientais no monitoramento. É bucado de coisa. Estudei um pouco sobre como é que cuida da natureza, essas coisas. Mas assim, curso que eu fiz foi da agente ambiental mesmo.

Pesquisadora: De agente ambiental. E como que foi fazer esse curso?

Entrevistado: Foi muito legal, cansativo, é muito legal a gente se aprofundar mais, tipo assim, gente só faltou é fazer prática mesmo, a gente se aprofundou, gente estudou pouco a respeito, mas foi muito legal. E a gente teve muito conhecimento sobre a política, como é que é e tal.

Pesquisadora: Você sente que agregou bastante pra você, mudou bastante coisa.

Entrevistado: Sim, sim, sim. Mudou meu ponto de vista.

Pesquisadora: É... que sentido?

Entrevistado: No sentido de fazer... traz vários tipos de palestra como a gente deve trabalhar e tal, um exemplo. Eles são exemplos para a gente trabalhar, como que trabalha tudo direitinho e tal. Passo a passo a gente foi aprendendo pouco de cada coisa praticamente. Porque tem muita coisa pra gente capitar e memorizar ao mesmo tempo. É muita informação.

Pesquisadora A Tato'a já tem tempo que está aqui, você também é novo, você lembra como era antes da Tato'a?

Entrevistado: A Tato'a quando começou foi muita palestra, política, debate, foi muita discussão para acontecer isso que está acontecendo hoje, foi muitos dias de lutas e desde o dia que eu pertencia a Tato'a, organização aqui, eu sempre soube que a Tato'a era uma organização, um planejamento. Isso que eu aprendi a Tato'a é muito importante.

Pesquisadora: Pra você, pessoalmente, você diria que a coisa que mais mudou é o seu ponto de vista, por causa dos cursos?

Entrevistado: Isso, os cursos... e o incentivo, proteger a área, fiscalizar essas coisas eu achei muito legal, assim, de como a gente poderia proteger, né, a nossa terra, o nosso território. E eu acho que é isso.

Pesquisadora: Tem alguma coisa que você ou que a aldeia estava precisando e vocês conseguiram por causa da Tato'a?

Entrevistado: As coisas, tipo... começou a melhorar pra nós, tipo, veio o moto agora, veio embarcações, tá começando a andar e tá sendo muito legal, a gente recebeu as motos graças à parceria com a Tato'a, e foi processo muito longo pra gente conseguir a multa (recurso recebido pelos Parakanã), né? Foi junto com a Tato'a e os parceiros, legal assim a conquista do povo Parakanã.

Pesquisadora: Aí com a multa veio o quadriciclo, moto, voadeira também.

Entrevistado: Acho que vai ter, tem as multas aí que a gente vai estar pedindo as coisas.

Pesquisadora: Aí faz muita diferença, né?

Entrevistado: Muita diferença, isso já faz muita diferença assim.

Pesquisadora: Pra ir de aldeia em aldeia, aqui vocês vão de moto, ou voadeira.

Entrevistado: É, a gente vai de moto de voadeira.

Pesquisadora: E antes de ter as motos e a voadeira, vocês fazem o como?

Entrevistado: Olha, a gente pegava carona. Tem dia que dava carona, e tem dia que não dava porque ia muita gente.

Pesquisadora: Das rondas né do Josias, da carro da Funai também. É melhor, vocês tem mais autonomia então.

Entrevistado: É melhor a gente ter mais autonomia e nosso próprio veículo pra gente ir poder andar.

Pesquisadora: E o que você acha do trabalho da Tato'a? Você acha que precisa melhorar alguma coisa? O que você diria que precisa melhorar?

Entrevistado: Que o que devia melhorar na Tato'a era mais postura, era mais organização, mais tipo assim... mais recurso, tipo assim, é tipo, organização mesmo, do povo próprio, do povo Parakanã e principalmente dos cacique também, Não depende só do povo, mas cacique também deveria ter mais postura, mais assim, né? Mais moral, acho que é isso.

Pesquisadora: O que você acha dos Toria?

Entrevistado: Eu sugiro que Toria trabalha tudo cima da lei, né? Tudo de acordo com as regras que tem dentro da... tipo, qualquer empresa tem regras. A galera é cheia de regras, então a gente tem que ter o nosso, a tem que criar o nosso, a nossa regra, nosso protocolo de consulta, e acho que é muito importante a gente botar o que a gente pensa e o que a gente acha, né? Cada põe a sua opinião e vê o quê.

Pesquisadora: Você acha que os Toria da Tato'a, Paulo, Brunna, os assessores no geral, estão trabalhando bem? Você tem uma boa relação com eles? Lembrando que é anônimo, pode falar o que você quiser.

Entrevistado: Pelo trabalho assim, não chegou nada, mas tipo assim, queria que tipo assim, mais prática, entende? Pelas coisas que as pessoas prometem, entende? Tinha que ter mais compromisso, mais...

Pesquisadora: Entendi. Acaba prometendo muita coisa e não...

Entrevistado: No documento e tal. Sei que no documento tá lindo, perfeito, na prática tem umas coisas que não... não tá em prática, só está na ata mesmo.

Pesquisadora: É só pra fazer bonito, né? Pro parceiro.

Entrevistado: Isso, manda lá e tal... Eu acho que é isso.

Pesquisadora: Entendi. Não, faz total sentido.

Entrevistado: Porque tem várias pessoas que vem aqui, prometem várias coisas, depois que aprovam o projeto, eles já nem querem mais saber do, tipo, como é que se diz, do... do acordo que fizeram, depois quer trair. Tem uns caras que saíam, vinha, aprovava, levava e pegava o dinheiro e sumia.

Pesquisadora: Mas isso é gente de parceiro da Tato'a?

Entrevistado: Não era Tato'a, mas outros parceiros já... Teve outras empresas que a gente já trabalhou e gente viu essa corrupção.

Pesquisadora: E... Você lembra nome?

Entrevistado: Não me lembro, faz tempos aí que teve outras empresas que construíram as casas, monte de coisa aí, que construíram.

Pesquisadora: Mas construíram... o projeto era para eles construírem, mas eles fizeram então.

Entrevistado: Não, o projeto pra construir casa de alvenaria nas aldeias, entende? Aí quando aprovaram, eles não queriam aprovar, diz que era fora da cultura indígena, essas coisas sabe?

Pesquisadora: Ai fez de madeira?

Entrevistado: Aham, e aí fez de madeira.

Pesquisadora: Entendi, que é completamente diferente, seria bom uma estrutura pra vocês aqui. É porque não faz sentido, a cultura de você estar mudando bastante com...

Entrevistado: Com a tecnologia.

Pesquisadora: Com envolvimento com os Toria também. Vocês têm que se adequar aos Toria?

Entrevistado: Praticamente é isso que gente vivemos hoje, dois mundos, o mundo de vocês e a cultura tradicional. Mas não é só porque a gente é índio que a gente tem que viver no século... Já não faz assim tipo... Eu não acho muito legal essa parte, sabe?

Pesquisadora: E isso que você falou de viver dois mundos é muito interessante. A gente está passando pouco do tempo, mas é que você está falando coisas muito legais. Como que é isso pra você?

Entrevistado: Dois mundos... É, o nosso mundo aqui é só na cultura, viver na tradição, mas tipo assim, quando a gente vai conhecer o Brasil, conhecer a cultura de vocês, é tipo, é outro mundo, sabe, a gente vê, nossa, a gente nem acredita que tá ali, experimentando a cultura de vocês e tal. Tem coisas que são legais na cultura de vocês e tem coisas que não, entende? É isso, tipo assim, tem álcool, tem... tem um monte de coisa tipo... é droga, é cigarro, envolve bebidas... Um monte de coisa na verdade, existe na cidade um lado bom e lado ruim. Agora depende de vocês só, né? Então a gente conheceu dois mundos, o nosso mundo e um pouco de vocês. E é muito interessante a gente, tipo, conhecer novas culturas, novas, tipo assim, novas ideias, sei lá, tipo, isso que eu imagino, sabe?

Pesquisadora: Com certeza.

Entrevistado: Então é isso, a gente vê outro mundo na cidade, praticamente outro mundo, outro rolê totalmente diferente do nosso.

Pesquisadora: Você já morou na cidade?

Entrevistado: Morar não, mas tipo assim eu vou passar dois, três meses lá e eu vejo a movimentação, eu observo muitas coisas.

Pesquisadora: Você gosta mais da aldeia ou da cidade?

Entrevistado: Cara, eu digo que eu gosto mais da aldeia. É, eu acho muito mais legal, mais da hora, mais tranquilo, menos barulho.

Pesquisadora: Qual é sua aldeia mesmo?

Entrevistado: Maracá.

Pesquisadora: Maracá é longe?

Entrevistado: É longe.

Pesquisadora: Quanto tempo tá aqui?

Entrevistado: Eu cheguei hoje com a Brunna. Era pra eu ter vindo com vocês. Você lembra?

Pesquisadora: Entendi, é verdade, que mudou né? Então você viajou os dois dias de voadeira?

Entrevistado: Foi, ontem e hoje

Pesquisadora: Mas bom, é isso. Você quer falar mais alguma coisa?

Entrevistado: Você que sabe, eu tô aqui.

Pesquisadora: Se você tiver algo pra falar dos toria, da Tato'a, da sua vivência, pode ficar à vontade.

Entrevistado: Pois é... a gente vive aqui, a gente... A gente quer a tecnologia assim porque não é possível, porque a gente precisa mesmo. A gente precisa estudar, a gente precisa saber da tecnologia. E eu acho que, enfim, o mundo cultural tem que fortalecer agora, porque depois, sabe, que vem pela frente, novas ideias, novas culturas e a nova geração tá vindo e tá vendo. Eles vão acolher... o que eles veem eles vão acolhendo.

Pesquisadora: E tem criança, hein? Muita criança. Vocês passam a cultura pra eles?

Entrevistado: A gente passa, a gente só fala na língua mesmo, tradicional um com o outro aí. Ai com vocês a gente pode se comunicar através do português e tal, mas nós aqui a gente fala na língua mesmo, sem usar o português

Pesquisadora: Queria aprender a língua de vocês

Entrevistado: Qual é s coisas que você gostaria muito saber assim, o que é isso, tipo qualquer palavra, qualquer coisa, que você gostaria de saber muito assim, qual é sua curiosidade sobre algo? Algo tipo... uma frase, objeto, algumas coisas, tipo o sol, o sol a gente chama de kwarahya.

Pesquisadora: Nossa, mas essa pronúncia é muito difícil.

Entrevistado: kwarahya, fala.

Pesquisadora: kwarahya

Entrevistado: Isso, é o sol.

Pesquisadora: E lua?

Entrevistado: Deixa eu ver a lua. Como é que se chama a lua? Xahya.

Pesquisadora: Xahya, que bonito.

Entrevistado: Que mais... A folha a gente chama ka'a. O comprimento da tábua a gente chama de i'ywypywa

Pesquisadora: Aprendi ontem, como que é... ma'e é o que é?

Entrevistado: Ma'e é "o que é".

Pesquisadora: Tá... importante saber isso aí também. Mas tem algumas coisinhas que a gente fala bastante na Tato'a, tamataré (dinheiro).

Entrevistado: É o que mais rola né. É um tamataré de não sei quantos milhões. Pois é, isso que eu estou te falando, mas tipo assim... Existe corrupção sim entre tipo... Eu já vi, tipo assim, as corrupções sobre os parceiros, mas tipo assim... Eu não gosto muito de política, pra te falar a verdade, eu prefiro mesmo... eu não gosto de política porque tem várias opiniões e tem debate, aquilo tudo. Difícil de lidar.

Pesquisadora: É mesmo. O que você acha da... assim, com a Tato'a começou a circular muito dinheiro entre os Parakanã, entre associação. Você acha que teve impacto negativo ou positivo? O que você acha? Você acha que as pessoas mudaram por causa disso?

Entrevistador: Olha, eu não acompanho e não tenho prova pra te falar. Na minha opinião, acho que tipo assim, eu não sei... saber eu sei, eu acho que existe sim esse tipo de coisa

porque não é possível. Tipo assim, as pessoas ser certas mesmo, sabe, porque quando vê aquilo tudo...

Pesquisadora: Muita coisa, né?

Entrevistado: Muita coisa aí, sabe como é que a mente ser humano.

Pesquisadora: É, porque a gente pega pouquinho e quer mais, né?

Entrevistado: Sempre quer mais, quanto mais a gente tem, mais a gente quer ganhar.

Pesquisadora: É, pois é.

Entrevistado: Pois é, a FUNAI é uma organização que eu entendo que ela não faz nada, só fica lá, faz relatório não sei de que e tal, projeto, e vem aqui... leva a demanda da galera, não sei por que, tipo, na ata documento, entende? Aí eles levam, aí passam bocado de tempo. Aí se aprovar, tudo bem, mas tipo assim, geralmente aqui, do povo Parakanã, geralmente aprova porque vai muitas assinaturas. Aquele papo furado de sempre.

Pesquisadora: Mas você já viu assim, corrupção da Funai?

Entrevistado: Já, a gente vê sempre. A gente vê uma empresa que nunca dá nada, nunca ajuda a gente, mas querem oprimir o povo indígena, querem que seja... que a gente viva na nossa tradição, que a gente viva isolado. Tudo isso eles querem com gente, entendeu? Aí, para eles não pode existir tecnologia, estudos, entende? Para que a gente fique assim, sendo assim índio mesmo, sabe? Sem, tipo, ter acesso, sem acessar cultura de vocês, não tem... tipo, no planejamento deles, a cultura de vocês é incluída, a gente só pode...tipo, usufruir da nossa cultura, nossa tradição e a gente não pode... tipo, no documento lá, todos eles proíbem a gente de fazer amizade com vocês, tem um bocado de coisa lá que eles, tipo assim, eles botam porque é entre eles, eles nem conversam com a gente. Então, antes de eles tipo assim elaborar a reunião eles tipo assim, fazem sem a nossa presença. Eles vem botar pilha, fica mentindo, entende? Mas aí é só palestra, na verdade é só promessa.

Pesquisadora: Mas por que você acha que eles fazem isso de querer manter vocês na cultura?

Entrevistado: Porque eu acho que lucra mais pra eles, tem muito recurso e eu acho que é isso que eles querem. Continuar sempre assim, ter que manter assim. Sempre ali mesmo. E é isso, é sempre como se fosse 500 anos atrás que a gente tem que viver.

Pesquisadora: Muito boa sua fala, muito obrigada.

Apêndice 4 – Entrevista com Parakanã 3

Pesquisadora: Só para o registro, você concorda em gravar sua voz? É seu nome, sua aldeia e quantos anos você tem?

Entrevistado: Bom dia, me chamo * Parakanã. Eu sou lá da aldeia Itapema, eu tenho 26 anos.

Pesquisadora: O que você entende pela Tato'a? Pra que ela serve? O que ela é pra você?

Entrevistado: A Tato'a pra mim é como organização do povo Parakanã, uma resistência que a gente tem uma só, a associação nossa, pra gente continuar evoluindo nosso projeto, nosso território e proteger o nosso território, que é nosso, é muito importante pra nós.

Pesquisadora: Você já participou de algum projeto da Tato'a? Tem vontade?

Entrevistado: Tenho.

Pesquisadora: Você já fez algum curso com a Tato'a? Nunca fez?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Você tem vontade de participar em que, mais ou menos? Que tipo de projeto você gostaria de participar?

Entrevistado: Eu gostaria de participar do território, sobre o nosso território, pelo nosso convívência, reflorestamento do nosso território. Isso para mim é muito importante. A gente perdeu metade do território, foi desmatado. Os nossos animais também se foram. Mas deixaram o cacau, né, pra... como a renda do pessoal que fica lá no reocupação.

Pesquisadora: Mudou bastante, né? Essa questão do cacau. Vocês não vendiam o cacau antes, né?

Entrevistado: Não. Só a castanha.

Pesquisadora: E aí começou a entrar mais dinheiro com o cacau também. O seu marido trabalha com cacau também?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Ele trabalha na Tato'a, né? Como que é pra você ele trabalhar na Tato'a?

Entrevistado: Uma experiência nova pra gente, como ele trabalha. Anteriormente a gente não trabalhava na cidade, a gente não sabia como é o trabalho dos brancos, diferente do nosso. A gente saiu do nosso território, a gente aprendeu muita coisa, porque na cidade tem que trabalhar para poder comprar, para poder viver na cidade, mas aqui na aldeia a

gente... sai na hora que a gente quer, gente sai pra pescar, caçar. É muito diferente o costume.

Pesquisadora: E aqui não falta nada né?

Entrevistado: Não. A gente não compra nada, aí eu vi uma diferença na cidade.

Pesquisadora: Você gosta mais da cidade ou da aldeia?

Entrevistado: Não, gosto mais do meu território aqui. Sinto falta também.

Pesquisadora: Você vem passar as férias aqui?

Entrevistado: Não, a gente só veio participar da reunião, a gente vai voltar de novo pra cidade.

Pesquisadora: E depois vocês não voltam mais pra cá por um tempo?

Entrevistado: Só nas férias.

Pesquisadora: E você sente que alguma coisa mudou pra você depois que a Tato'a surgiu? Comparando antes e depois?

Entrevistado: Mudou bastante quando a gente não tinha associação, né? Aí, eu lembro que as mulheres, quando eu tinha 9, 10 anos... as mulheres fizeram mesmo de artesanato, não conseguia vender, mas quando a gente construiu na Associação Tato'a mudou bastante. E também o projeto andou, está andando bem, também o produto das mulheradas está andando bem também. E também está fortalecendo nosso produto, e também o dos homens. O trabalho deles também é muito importante, de todos. Tato'a pra mim é muito importante, a associação, o Paulo também trabalha bem, toda a equipe que trabalha na associação ajudou bastante a gente até hoje.

Pesquisadora: Você acha que alguma coisa precisa melhorar no trabalho da Tato'a? Lembrando que é anônimo, você pode falar o que você quiser. Não vai ter seu nome.

Entrevistado: Não, pra mim não tem nada de errado, né? Tá tudo certo, tá andando bem. Eu não tenho nada que falar, né.

Pesquisadora: Você acha que alguma coisa no trabalho dos toria da Tato'a podia melhorar? Você acha que eles trabalham bem?

Entrevistado: Não, pra mim, no ponto de vista, né? Tá trabalhando muito bem, que ajuda no... o Nenexiga, o Márcio, na dificuldade deles, explica pra ele como é o trabalho dos brancos, é muito difícil. Alguns que a gente não entende as palavras técnicas, alguns a gente não sabe.

Pesquisadora: Dava para ter uma explicação melhor sobre essas coisas, então... uma comunicação mais fácil? É, a gente usa muita palavra técnica mesmo. Tem bastante gente aqui que não fala português, né?

Entrevistado: A maioria dos velhos, as crianças, só fala tupi. A gente só fala com o branco, né? Em português. Mas na nossa língua a gente só fala na aldeia, a gente só fala em português na cidade. Ou com alguém, conversando, a gente fala.

Pesquisadora: Você aprendeu faz muito tempo o português?

Entrevistado: Mais ou menos.

Pesquisadora: Mais ou menos?

Entrevistado: Às vezes eu erro, às vezes, né?

Pesquisadora: Quantos anos você tem mesmo?

Entrevistado: 26.

Pesquisadora: A gente tem quase a mesma idade. Você lembra então como era mais ou menos antes? Antes da Tato'a aparecer, que você falou que as mulheres conseguiam vender artesanato. Tem alguma coisa, ou algumas coisas que vocês precisavam muito antes, não tinha, e aí vocês conseguiram com a Tato'a?

Entrevistado: Antes não tinha apoio, não tinha apoio, mas quando a Tato'a surgiu, mudou bastante, ajudou bastante a gente até hoje. Isso para nós é muito importante também. E também na hora que foi, a gente elegeu uma mulher presidente, a Wenatoa, que começou a melhorar bastante. A gente só ficava para baixo, para baixo, mas quando ela entrou, gente começou a subir, né? Evoluindo cada vez mais. Nos territórios também não tinha jeito, mas quando a Wenatoa entrou ela conseguiu demarcar e tirar os invasores também. Para a gente é só alegria nos territórios. Mas ainda os invasores estão entrando, mas a gente tá firme.

Pesquisadora: Você teve uma fala muito forte na Assembleia ontem sobre as mulheres. Foi muito bonito, inclusive. Você sente que essa questão das mulheres melhorou com a Tato'a? Eu sei que a Brunna trabalha muito com isso, né? Como era antes e como é agora?

Entrevistado: Antigamente a gente não trabalhava na associação. Principalmente nós mulheres, a gente era muito tímido, a gente não participava muito do reunião. Mas, hoje em dia a gente tá aprendendo cada vez mais. As mulheres tá deixando de ser tímida cada vez mais. Cada uma delas tá se desenvolvendo ainda. E para mim isso é muito importante, para nós todas, as mulheres.

Pesquisadora: Uhum, bastante! É só a Wenatoa hoje, de mulher, que trabalha lá na associação, né?

Entrevistado: A Wenatoa é uma presidente. Agora que a gente entrou agora na associação, pra trabalhar né? Eu e a Ywangia, a Koxaponga e a Potira, que é coordenadora geral das mulheres, ela entrou agora, mas ela está aprendendo ainda. Ela não se acostumou ainda. Como falar.. ela é um pouco tímida.

Pesquisadora: Você trabalha na Tato'a então?

Entrevistado: Uhum.

Pesquisadora: Você está em qual cargo?

Entrevistado: Financeira.

Pesquisadora: No Financeiro, ah, entendi! Eu não sabia que você tinha entrado também.

Entrevistado: Eu trabalhei como... voluntária nós três.

Pesquisadora: Entendi. Por que você se interessou, assim, pra trabalhar lá?

Entrevistado: É porque as mulheres elegeram a gente, como nosso esposo está trabalhando, né? E deram oportunidade pra gente trabalhar tudo junto, né?

Pesquisadora: Aí vocês já vão pra cidade junto, fica mais fácil, né? Vai as crianças também né? Entendi. Então acho que é isso. Tem alguma coisa que você queira falar sobre a Tato'a, qualquer coisa que você quiser usar esse espaço.

Entrevistado: Pra mim é uma coisa que tem que ter uma casa própria pro artesanato. A gente queria também, a gente tava falando pra construir uma casa aqui pro artesanato, na hora que terminar de fazer e botar lá e guardar. Aí na hora de mandar, só pegava e mandava para a cidade, seria muito fácil.

Pesquisadora: Entendi. Vocês estão pensando fazer projeto para construir assim, essa casa? E é só as mulheres que estão pensando nesse projeto?

Entrevistado: Uhum.

Pesquisadora: Você acha que os homens dão importância para esse projeto? De construir essa casa?

Entrevistado: Uhum.

Pesquisadora: Ai que bom! Seria muito mais fácil mesmo, né? Porque a venda de artesanato movimentava bastante dinheiro também, né, pra vocês.

Entrevistado: E ajuda bastante as mulheradas. E para não deixar de ser uma indígena, deixar o nosso costume, né? O nosso produto que foi construído desde o início.

Pesquisadora: É uma parte muito importante da cultura de vocês. Bom, eu acho que é isso. Muito obrigada por participar. parar a gravação aqui, tá?

Apêndice 5 – Entrevista com Parakanã 4

Pesquisadora: Só para o registro, você concorda em eu te gravar?

Entrevistado: Sim!

Pesquisador: Beleza, qual é o seu nome, quantos anos você tem e qual é sua aldeia?

Pesquisadora: Meu nome é *, eu moro lá na aldeia Xingu. Eu sou estudante, no terceiro ano. Graças a Deus vou terminar dia 19 de dezembro. Vai ser muito bom na formatura. Eu fico muito feliz por isso.

Pesquisadora: Você está estudando o quê?

Entrevistado: Ensino médio.

Pesquisadora: Ensino médio, que legal. Você vai se formar quando? Nesse ano?

Entrevistado: Nesse mês.

Pesquisadora: Ai que legal! E você gostou de fazer ensino médio?

Entrevistado: Pra mim, eu gostei muito. Pensei que eu não ia conseguir, mas eu consegui. Eu cheguei até lá. Mas eu vou me formar de enfermeira pra poder exemplo pro nossos filhos, nosso parente, para melhor para mais velho, pra falar na língua, isso é importante para mim e para o meu povo.

Pesquisadora: Muito legal. Você falou sua aldeia?

Entrevistado: Aldeia Xingu.

Pesquisadora: Aldeia Xingu, falou, né? Você faz o ensino médio na aldeia mesmo?

Entrevistado: Na aldeia. Na TI Apyterewa mesmo.

Pesquisadora: O que você entende quando a gente fala da Tato'a? Como você falaria o que é a Tato'a?

Entrevistado: A Tato'a pra mim é nós. Tato'a é o povo Parakanã. O que decide a coisa é nós. Tato'a é o povo Parakanã. Isso que é minha colocação.

Pesquisadora: Você já participou de algum projeto?

Entrevistado: Eu já participei de agente ambientais.

Pesquisadora: Você fez o curso?

Entrevistado: Eu já fiz o curso aqui na TI Apyterewa. É importante para nós para vigiar a nossa terra, para compartilhar, nosso parceiro, que está acontecendo, tem ameaça, quando acontece a gente fala e junto com nosso parceiro, mas ele ajuda a gente, por esse motivo.

Pesquisadora: Você gostou de fazer o curso?

Entrevistado: Eu gostei de fazer o curso.

Pesquisadora: E aí você trabalhou também como a gente ambiental?

Entrevistado: Eu trabalhei, até agora eu tô trabalhando como a gente ambiental. Eu quero fazer mais curso para aprender.

Pesquisadora: E você gosta do trabalho também? Cansa muito?

Entrevistado: Cansa mas... mas é bom.

Pesquisadora: Que legal. E o que mudou pra você desde que a Tato'a surgiu?

Entrevistado: Mudou pra mim porque Tato'a fez muita coisa né, pelo nosso território, nosso povo Parakanã, ajudou muito a gente pelo nosso território. A gente conseguiu, os brancos que saíram, a gente ficava muito triste quando o pessoal vinha garimpeiro, invasor, fazendeiro, mas hoje a gente está feliz pelo nosso Tato'a que está muito forte. É isso que é minha fala.

Pesquisadora: Você... Tem alguma coisa que você ou a sua aldeia precisavam e não tinham antes? E por causa da Tato'a, vocês conseguiram?

Entrevistado: Conseguimos. Tipo, recurso, né? Pelo nosso comunidade. E... Curso pro jovem, né? E o... para as mulheres tem as miçangas, né? E ter espaço para ela falar, Comunicar. Antigamente as mulheres não falavam, mas hoje as mulheres falam sobre nosso direito, nossa comunidade, e nosso povo também.

Pesquisadora: Você lembra como era antes da Tato'a? Porque a Tato'a é antiga, né? 2014, acho, né? Você, como o koxoa (mulher), sente que você tem mais liberdade aqui dentro, depois que a Tato'a apareceu, deu mais voz para as koxoas, para as mulheres?

Entrevistado: A gente... primeiro presidente era os homens, né? Aí as mulheres se comunicavam, falavam com a outra. Aí a gente decidiu colocar uma mulher guerreira. Aí a gente votou na Wenatoa, aí ela venceu esse voto. E ela conseguiu falar sobre nosso território, sobre nós, né? E hoje as mulheres têm voz de falar sobre o nosso direito, né? Hoje mulheres têm esse espaço para falar como jovens, como crianças, como idosas.

Pesquisadora: Tem alguns homens que estão falando de tirar a Wenatoa, né? Mas vocês não querem que ela saia?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: As mulheres querem que ela fique. O que você acha do trabalho da Tato'a?

Entrevistado: É muito bom o trabalho da Tato'a. Ele sempre ajuda a gente, E a gente ajuda ele.

Pesquisadora: Você acha que tem alguma coisa que dá pra melhorar?

Entrevistado: Está melhorando muito.

Pesquisadora: Mas no trabalho o que a Tato'a faz, você acha que tem alguma coisa que dava para Tato'a melhorar?

Entrevistado: Para melhorar... as koxoa tem cinco, coordenadora e financeira também, trabalha lá na Kania, que ela recebe o nosso artesanato. Mas tem que melhorar pra ela, né? Tem uma casa pra artesanato, só pra artesanato, pra ter espaço pra koxoa. É isso importante também, né? Pras koxoa, para comunicar, para ter reunião com ela. E é isso. Isso é importante também para koxoa, pra criança. Levar o nosso artesanato fora, vender. E a nossa cultura também, para ser forte, para nunca perder a nossa língua. E registrar a nossa língua, a nossa cultura.

Pesquisadora: E ia ser bom algum projeto para escrever livro em Parakanã, na língua. Realmente ia ser bom. O que você acha dos toria que trabalham na Tato'a? Você gosta deles? Você tem uma relação boa com eles? Pode falar mal vontade, não vai ter seu nome, então fica à vontade.

Entrevistado: Trabalha muito bem, não tenho o que reclama deles, né? Eles trabalha bem. Tudo que o povo Parakanã fala, sempre está apoiando a gente, o trabalho deles está tudo katoeté ("tudo bem"). Eles está no nosso lado, né? Como parceiro, como todos os parceiros que trabalham, tá de parabéns.

Pesquisadora: Que bom! Que bom que você gosta do trabalho do Tato'a. Eu acho que é isso. Vou encerrar aqui a gravação, tá?

Apêndice 6 – Entrevista com Parakanã 5

Pesquisadora: Só para o registro, você concorda gravar sua voz?

Entrevistado: Concordo.

Pesquisadora: Qual é seu nome, quantos anos você tem e qual é sua aldeia?

Entrevistado: Me chamo * Parakanã, sou professor indígena, sou da aldeia Paranopiona, tenho 38 anos.

Pesquisadora: Como você explicaria o que é a Tato'a?

Entrevistado: Tato'a. Então, Tato'a, explico assim, a Tato'a é uma associação que é, na verdade, uma... a associação é uma... na verdade, a comunidade toda é uma Tato'a, né? Na verdade, a associação Tato'a foi criada pra... pra gente ter... pra gente ter essa defesa da associação, porque a associação é uma jurídica, né? Então... então, hoje na Tato'a nós temos nosso presidente, a presidente, presidente que é a Wenatoa Parakanam, né? Então a Tato'a tá, começou já, começou... não me lembro da data, né, a associação Parakanã, né, tá indo bem, tá defendendo o povo Parakanã, já fez a luta da comissão da Tato'a, consegui fazer a desintrusão da terra indígena Apyterewa.

Pesquisadora: E você é da comissão, né?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Você é da liderança?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Mas você participa de projetos da Tato'a? Já participou de algum?

Entrevistado: Na verdade, eu já participei na Tato'a como tesoureiro da associação.

Pesquisadora: Tesoureiro.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: E como foi?

Entrevistado: Então, eu entrei como tesoureiro da associação na gestão do Kawore Parakanã. Eu trabalhei com ele por um ano e depois eu fui, eu saí porque o pessoal da saúde me convidou para me trabalhar como assessor indígena do DCEI de Altamira. Então, é por isso que eu saí de como tesoureiro da associação Tato'a.

Pesquisadora: Você está no DSEI agora, então?

Entrevistado: Não, estou na educação.

Pesquisadora: Na educação. Você foi para o DSEI depois e aí depois você foi para a educação e virou professor... Você dá aula lá na Paranoupiona?

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Ai, legal. Você gosta de dar aula?

Entrevistado: Muito.

Pesquisadora: Você... pensando assim, entre trabalhar no DSEI, a Tato'a e dar aula, o que você prefere?

Entrevistado: Rapaz eu prefiro voltar pro DSEI de Altamira, porque eu faço parte do conselho. Hoje eu sou representante, sou presidente da TI Apyterewa, presidente do Conselho de Locais da Terra Indígena Apyterewa. Eu represento o povo Parakanã na reunião do CONDISI e na SESAI e no FOLO também.

Pesquisadora: É... muita coisa, né. É muita responsabilidade. Pra você, o que vocêalaria que mudou depois que a Tato'a apareceu? De antes. Como era antes, como é?

Entrevistado: Então, no passado, no passado a gente tinha muita dificuldade, né? A gente tinha muita dificuldade de ir a Brasília resolver nosso problema, porque cada dia que entrava os invasores, né? Depois que a gente criou o Tato'a, de 2019 pra cá, melhorou muito, entendeu? Os direitos dos povos indígenas, né? Do povo Parakanã.

Pesquisadora: Entendi. Tem alguma coisa que a sua aldeia precisava muito ou que você precisava e vocês conseguiram por causa da Tato'a? Seja financeiro, seja de ferramentas, de qualquer coisa assim.

Entrevistado: Sim. Depois que a Tato'a está dando bem, nós também, a gente está vendo também que a Tato'a está ajudando muito. Porque a gente, a gente tinha um projeto de renda de madeira, né? Foi uma complicação, foi, com muita luta a gente conseguiu, o Kururu lutou muito como cacique geral para conseguir esse recurso de madeira para a gente receber. Mas agora, está tudo bem, está tranquilo agora, pra dentro da associação. A associação, tudo ela vem com benefício que chega na mão de, de órgão, de justiça, na justiça, a Tato'a recebe, pra gente, fica mais fácil da Tato'a atender a gente. Porque tudo é através da associação agora.

Pesquisadora: Entendi. Você acha que a Tato'a tá trabalhando bem?

Entrevistado: Tá, a Tato'a tá trabalhando bem.

Você acha que tem alguma coisa que precisaria melhorar, na Tato'a? Lembrando que é anônimo, você fala o que quiser.

Entrevistado: Pois é, na Tato'a, na verdade, eu não tenho muito que falar, na minha avaliação eu sou pesquisador também, e na minha pesquisa, pesquisador como pesquisador, a Tato'a está indo bem, entendeu? A gestão da Wenatoa está indo muito bem, entendeu?

Pesquisadora: O que você pesquisa?

Entrevistado: Eu pesquiso sobre o que o Tato'a faz, e recurso de Tato'a, o benefício que chega no Tato'a, a gente faz essa pesquisa.

Pesquisadora: Entendi, entendi. O que você acha dos Toria que trabalham na Tato'a? Você tem uma boa relação com a galera? Você gosta do trabalho deles? Como é que é?

Entrevistado: Na verdade, os toria que trabalha no Tato'a, né. Estão fazendo um bom trabalho, porque primeiro assessor do Tato'a não fazia o que ta acontecendo agora, né? Depois que o Paulo, nós convidamos o Paulo pra trabalhar com a gente, nós conhecemos o Paulo... nós conhecemos Paulo através do Carlos Fausto, né, que é antropólogo. Ele trouxe ele aqui e nós conhecemos ele. Então, nós convidamos o Paulo para trabalhar com a gente, uma boa pessoa. Ele está ajudando muito a gente. Então, a gestão dele colocou mais pessoas para trabalhar. A gente tem uma boa relação com os funcionários não indígenas, com os funcionários não indígenas parakanãs que trabalha junto com eles.

Pesquisadora: Entendi. Sobre a Tato'a, era isso que eu queria perguntar. Mas eu queria aproveitar que você é professor e perguntar sobre algumas coisas da sua língua. Que eu fiquei um pouco confusa quando eu estava estudando, pelo que eu tava dando uma lida, assim, para vocês, toria é o não indígena, né?

Entrevistado: (Gesticulação positiva)

Pesquisadora: É... Branco é como?

Entrevistado: A mesma coisa.

Pesquisadora: A mesma coisa. Toria e branco é a mesma coisa.

Entrevistado: A mesma coisa.

Pesquisadora: E eu estava estudando também, entrei muito contato com palavra akwawa, é inimigo?

Entrevistado: Akwawa é a pessoa desconhecida, entendeu? É o inimigo.

Pesquisadora: Entendi. Mas o akwawa ele serve só pra indígena ou serve pra toria também?

Entrevistado: Na verdade a akwawa significa que é para qualquer né? Porque se aparecer akwawa, a gente não vê ele, a gente não sabe quem é, a gente fala akwawa.

Pesquisadora: Entendi, serve para qualquer um...

Entrevistado: Qualquer um.

Pesquisadora: Por exemplo os invasores são akwawa.

Entrevistado: Akwawa.

Pesquisadora: Entendi, e aí os torias são os não indígenas que não são inimigos, que estão com vocês, qualquer que não seja inimigo.

Entrevistado: Aí a gente fala que... xerenoria a gente chama aqui branco nosso.

Pesquisadora: Como é que é?

Entrevistado: Branco nosso.

Pesquisadora: Como que é na língua?

Entrevistado: Xenetoria. O branco que vive com a gente.

Pesquisadora: Tá certo, muito obrigada. Acho que era só isso que eu precisava. parar a gravação aqui.